

# verso de autografia

Miguel Gonçalves Mendes

CONVERSA COM

Mário Cesariny

PREFÁCIO

Clara Ferreira Alves

Paulo Cunha e Silva

PÓS-FÁCIO

verso de autografia



## deu-me um tranglomanglo

O meu primeiro contacto com Mário Cesariny deu-se durante os ensaios da peça *Tranglomanglo*, em que participei como ator.

Todas as noites, em palco, ouvia o poema “autografia”, com que me identificava, a cada dia, com mais intensidade. É precisamente deste poema, e de um forte desejo de compreender o que pretendia com ele transmitir o seu autor, que nasce a ideia do documentário.

Apesar de inicialmente reticente, Mário Cesariny acabou por aceder ao meu pedido, começando assim a história do documentário *Autografia*, cuja concretização, devido a uma série de condicionantes, demorou três anos – tempo que permitiria aprofundar o grau de intimidade e de confiança mútua presentes no filme.

No decurso da montagem, ficou claro que não seria possível incluir no documentário muitas conversas fundamentais para o conhecimento pleno de Mário Cesariny. Consequentemente, e após o levantamento de todas

as hipóteses, foi encarada a publicação deste livro como o suporte adequado ao material existente e o mais acessível a todos os que se interessam pela vida e obra do poeta.

(...)

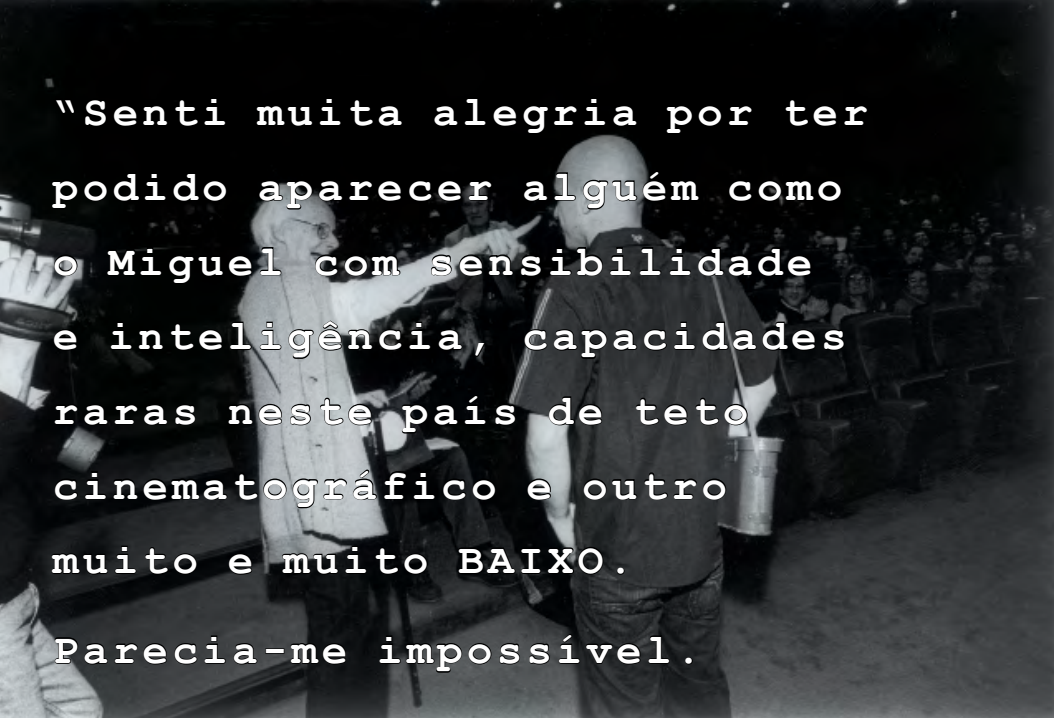
Assim, ***Verso de autografia*** é também um complemento ao documentário *Autografia*.

Nenhuma das conversas que se publicam foi apresentada no filme, à exceção de breves excertos, que por razões de compreensão e coerência se decidiu aqui repetir, agora, no seu contexto original. Porém, a estrutura do filme, organizada por temas – morte, amor, vida, Portugal/saudade, vetores do meu trabalho, transita para o livro, dando unidade a dois objetos com abordagens e suportes distintos.

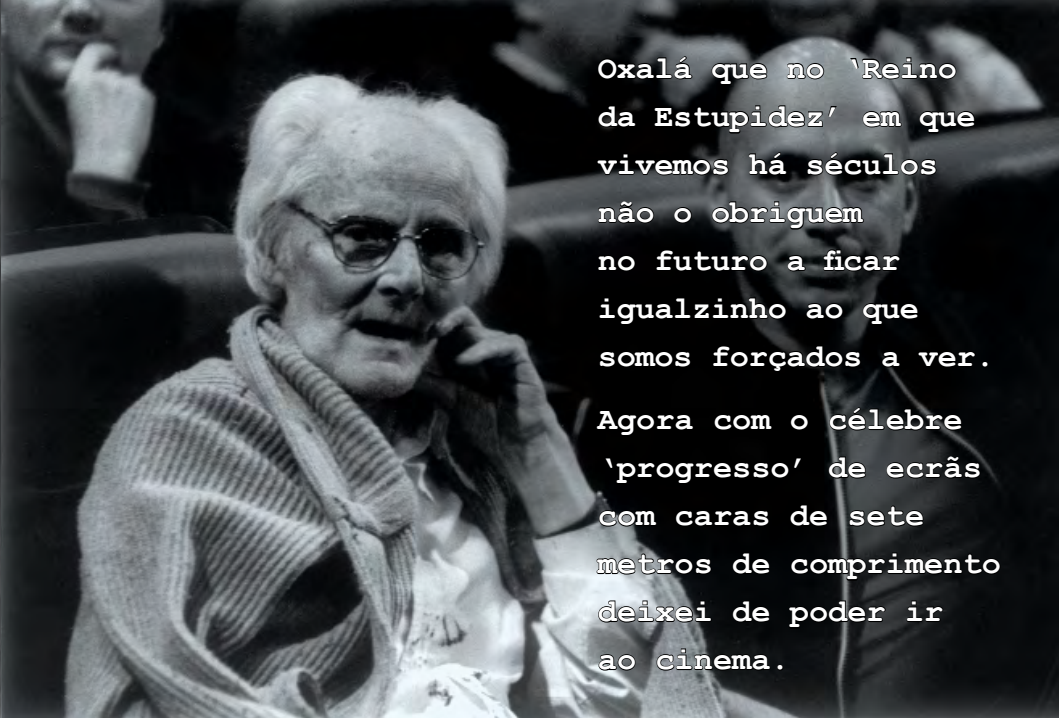
***Verso de autografia*** é, sobretudo, um presente para Mário Cesariny – uma pequena homenagem a ele e à sua irmã Henriette, a quem dedico este livro.\*

Miguel Gonçalves Mendes

\* texto revisto para a presente edição




"Senti muita alegria por ter  
podido aparecer alguém como  
o Miguel com sensibilidade  
e inteligência, capacidades  
raras neste país de teto  
cinematográfico e outro  
muito e muito BAIXO.  
Parecia-me impossível.



Oxalá que no 'Reino  
da Estupidez' em que  
vivemos há séculos  
não o obriguem  
no futuro a ficar  
igualzinho ao que  
somos forçados a ver.  
Agora com o célebre  
'progresso' de ecrãs  
com caras de sete  
metros de comprimento  
deixei de poder ir  
ao cinema.



Fotografia: Jorge Alexandre Pereira  
cop. Cinemateca Portuguesa-Museu da Cinema



Vou hoje porque é  
um filme do Miguel  
que deixa ver muito  
do que eu poderia  
ter sido."



Antestreia do documentário *Autografia*,  
Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 3 de maio de 2004.  
Texto de Mário Cesariny para a folha de sala.

# enquanto houver no mundo saudade

Clara Ferreira Alves

Com o tempo as pessoas dissipam-se, evaporam-se. Com a idade também, mas o tempo é mais cruel. Mário Cesariny já não consta das listas e sabe Deus e sabemos nós que há listas para tudo, para cima e para baixo e para os lados. Já não é um surrealista famoso. Um poeta famoso. Um pintor famoso. Nem sequer um morto famoso. Como ele mesmo diz dos outros surrealistas em *Autografia*, o filme de Miguel Gonçalves Mendes: MORTO! Alexandre 'Neill MORTO! Fulano tal MORTO! Mário Cesariny de Vasconcelos, nascido em 1923 e morto em 2006, MORTO! Dupla, triplamente morto. E às tantas mal enterrado, porque não consta o nome em jazigo ilustre das artes deste país. Um país pequeno, um país de “um povo criança” que espera 400 anos por um homem que não existe, um rei que não existe, e depois se agarra “a um borra-botas qualquer”. Palavras do Mário.

Não, não vou fazer aqui a psicobiografia da poesia, ou o exercício crítico que ele detestaria mais que ninguém. Os versos, os poemas, estão na Internet para quem os quiser ler porque os livros já não estão nos escaparates e são peças de coleção. O Mário Cesariny que interessa, que me interessa, embora achasse de si mesmo que era “um poeta sofrível” (não era, não era) embora houvesse gente a publicar livros de poesia muito piores que os dele, o Mário que me interessa, dizia, é a pessoa, o homem, o corpo e a inteligência e a lucidez que o alertavam para todas as formas de *kitsch* com que todos os dias nos embalamos. E nos vendemos ao consumidor.

Como se diz agora, Mário Cesariny de Vasconcelos era uma pessoa interessante. Lembro-me dele, apesar da memória se dissipar com os anos. Lembro fragmentos, instantes na batalha da sobrevivência a que chamamos vida, iluminações em noites de breu. Lembro fantasias e revoltas, gostos, desgostos e contragostos, e às vezes um sorriso de criança que tinha quando era velho, e talvez tivesse tido um sorriso de velho quando ainda era criança. É o mesmo sorriso, uma fiada de dentes invisíveis presos nos vincos da boca arqueada, com os olhos a rir por cima, a ver se estamos a vê-lo. O fumo do cigarro enrola-se em espiral neste meio sorriso, deste quarto de sorriso, e o cigarro é a companhia autorizada, o vício que não compromete. A homossexualidade, no tempo em que o Mário a declarou e a sentiu como ato de amor humano, era proibida no tempo em que ele nasceu e cresceu e se fez homem. A amada irmã, Henriette, tem dificuldade em falar do assunto quando ele lhe pergunta, pergunta de chaves na mão: o que pensas tu da minha homossexualidade? Ela não pensa. Aceita. O mundo do salazarismo, rei borra-botas vindo das brumas, era o da rejeição. Cesariny terá amado um homem e só amou uma vez. A impossibilidade do sentimento de um homem por outro homem, homens respeitáveis como fachadas de prédios burgueses em largas avenidas de moral única, levou-o a desistir do amor. Passou aos amores de ocasião, sexo roubado e contrabandeado, com preferência de marinheiros frescos, salvos do jejum dos barcos, esfomeados, enjoados de mar. Quando o conheci, o Mário gostava de contar histórias de marinheiros. Grossas histórias de marinheiros que

ele contava como quem desata à pedrada aos vidros dos guardiões de costumes.

E foi assim que o conheci. Num centro comercial da estação do Rossio onde eu me perfilava num esquálido emprego a vender publicidade de jornais numa loja (depois de ter considerado a advocacia um emprego ainda mais esquálido e ter decidido revoltar-me) avistei-o ao longe numa das balaustradas de pedra, esvoaçando como uma sombra. O centro fechava à meia-noite, hora perigosa para mulheres e favorável aos poetas. Um homem magro e que me parecia de cabelo branco antecipado aos anos. Olha o Mário Cesariny, sabia bem quem era. Eu podia não gostar de escritórios mas gostava de poemas e conhecia os daquele surrealista mítico, o do café Gelo, o das tertúlias e da rebelião intelectual. Olha o Mário Cesariny. O artista. Andava à caça, claro. Ave noturna de perfil pontiagudo, de bico aguçado pelo apetite, esvoaçando sobre os ângulos das escadas rolantes e geometria das varandas que davam para o átrio da estação. Como Genet, Cesariny apreciava o cais, a estação, os lugares de passagem onde as pessoas nunca ficam muito tempo antes de partir. Penso que seria esse o seu conceito de existência.

Não falei com ele, espiei-o de longe. Um senhor mal comportado, que maravilha.

Conheci-o depois nas noites de Lisboa, as noites do Bairro Alto, antes do Frágil e durante o Frágil, onde ele não ia. O Mário não era de modas. Não era *fashion*. Agora que penso nisso acho que estivemos juntos mais vezes de

noite que de dia, a nossa amizade encontrava-se nos intervalos da luz solar e recolhíamos como vampiros ao primeiro raio. O Mário sentado num passeio da Rua Diário de Notícias, ou da Rua da Atalaia, ou da Rua da Misericórdia, a dizer, vamos por aí? Mário, são três e tal da manhã, vou recolher. Recolher? És uma velha, são só três da manhã. Eu nem trinta anos tinha, acho.

O Hermínio Monteiro, fundador da Assírio & Alvim, editor do Mário e amigo do fundo do coração, foi quem nos juntou muitas vezes fora dos encontros de ocasião, fortuitos como sexo, a pretexto de jantares e amizade. E agora lembro o Mário, outra vez de noite, na Igreja de São Mamede, junto do caixão do Hermínio, morto de morte matada ao meio século cumprido. Cinquenta anos é nada. O Mário triste a debitar um dos seus poemas preferidos, que não era dele, “poeta sofrível” (não, não é verdade) era de Camões. “Aquela triste e leda madrugada/ cheia toda de mágoa e de piedade/ enquanto houver no mundo saudade/ quero que seja sempre celebrada”. Disse o poema sem derramar uma lágrima. Um silêncio garrotava-nos a garganta com lágrimas que nunca chegaram a formar, por uma questão de valentia diante da extinção. O Mário dizia coisas a sério e nunca o tinha visto tão triste. Uma cantiga de amigo em soneto.

O Mário noutra noite, noite de rebentar o coiro e a acabar numa casa amiga algures na serra da Arrábida, para onde a tribo tinha ido repousar e ver o amanhecer. O Sol não ousara ainda interromper o devaneio das estrelas e da Lua, era uma noite de primavera, amaciada pelos cheiros das árvores e

das flores, da caruma e da terra musgada. Por razões certamente surrealistas, falámos da Outra Banda, que era a banda onde estávamos naquele momento e passara a ser Esta Banda. E de Almada. Eu, na falácia dos verdes anos, afirmei detestar Almada, a feia Almada, embora gostasse do nome. E o Mário: minha filha, Almada é Nova lorque!

A Almada aportavam os marujos, de Almada vinha o cheiro da carne fresca, o barulho das luzes. Ainda hoje gosto de citar isto por tudo e por nada: Almada é Nova lorque. De facto, tudo pode ser Nova lorque. E aposto que o sorriso de criança estava lá, quando fez a comparação. O Sol nasceu pouco depois. O Mário não foi dormir, viajou para Nova lorque.

Ele nunca escrevia poemas em casa, escrevia nas ruas, nos cafés, onde calhava. Velho, tinha saudades desse tempo, do tempo em que escrever poesia “era como voar”. E namoriscar era como esvoaçar, delito em que o tinha apanhado em flagrante no estação do Rossio.

Saudade, a palavra é importante. O Mário tinha saudades dos amigos. Lembro um jantar na Casa Fernando Pessoa, que eu dirigia na altura, a propósito de uma sessão de poesia. O Mário: a minha gente já não está viva. E não havia como consolá-lo. Ouvi-o repetir muitas vezes a frase, cada vez mais repassada de solidão, nunca de nostalgia porque ele não era desses sentimentais. Estava mais velho que nas madrugadas anteriores, mais doente, mais em desassossego. A relação dele com Pessoa era difícil e de admiração. Gostava do Campos, do louvado e simplificado Campos, “coitado”, “com quem ninguém se importa”.



O Mário sabia que grandes poetas podem morrer e dissipar-se na melancolia coletiva do país de crianças como se fossem vadios ou pedintes, vidas anónimas. Grande poetas com outros poetas lá dentro, as caixinhas chinesas de Pessoa. Ali, numa das casas dele, a mágoa da morte assaltou o Mário, não a da morte dele mas a da morte dos outros, a gente dele. Sabia que quando ele mesmo não restasse, Mário Cesariny MORTO!, ninguém se lembraria de coisa nenhuma. Talvez estejamos nesse ponto de não retorno, e eu esteja a fazer o papel de alguém que se lembra. Que se lembra que ali esteve um corpo vivo e morno, um aristocrata que achou que a casa onde vivia, o país chamado Portugal, tinha o teto muito baixo. Sufocava-o. Sufocamos. No país onde a comiseração tem mais valor que a consideração, “a consideração literária ou artística” não o interessavam. Tinha saudades do amigos e companheiros de cafés e de noitadas e de cigarros a arder na impressão digital dos dedos, esquecidos. “Estou chateado”, ouvi-o dizer muitas vezes. Por muita consideração que lhe pusessem aos ombros como uma manta, acabariam a “deixá-lo ir para casa sozinho”.

“No país onde os homens são só até ao joelho/ e o joelho que bom é só até à ilhargá”.

Por baixo deste horácio e coriáceo estava, claro, um homem orgulhoso, cioso da sua dignidade. Da sua liberdade. Da sua beleza. O mancebo Cesariny tinha sido um belo homem, maçãs fortes, queixo saliente, ossos direitos. Olhos secretos. Olhos que a vida manchou de ausências e golpes.

Lisboa tinha, em todo o caso, nos tempos da resistência, uma vida intelectual. Tinha tertúlia, grupo, tribo. Tinha sátira e tinha crítica. Tinha inteligência e não tinha medo quando andava tudo de joelhos. Havia a casa da Natália (Correia) onde se reuniam a conspirar versos e escarnecer do sistema. Missão impossível nos dias que correm.

Não, o Mário Cesariny não está no Twitter nem no Facebook e não tem *blog*. Não está nos jornais nem nos escaparates. Não aparece na televisão nem no telejornal. Não é notícia nem delícia nem estultícia. O Mário vem do tempo da tragédia e da comédia, não coexiste com o melodrama. Está morta a sua gente. Ninguém da vida sabe quem ele é. Diz-me o Miguel Gonçalves Mendes, “exilado” em São Paulo, que o Mário doou os bens à Casa Pia (essa, sim, exatamente, e não, ele não era pedófilo, escusam de contar com o ovo no dito cujo da galinha). Doou porque era um iconoclasta e um português compassivo que sabia que da destituição à prostituição vai um pé curto. Poucos bens mas seriam suficientes para lhe erguerem um busto, uma campa decente, um jazigo pouco original. Enfim, nada consta. Até hoje.

A isto chama-se, em bom poetês, um Adeus Português.

30 outubro 2014



# autografia

sou um homem  
um poeta  
uma máquina de passar vidro colorido  
um copo      uma pedra  
uma pedra configurada  
um avião que sobe levando-te nos seus braços  
que atravessam agora o último glaciar da terra

o meu nome está farto de ser escrito na lista dos tiranos: condenado à morte!  
os dias e as noites deste século têm gritado tanto no meu peito que existe  
nele uma árvore miraculada

tenho um pé que já deu a volta ao mundo  
e a família na rua  
um é loiro  
outro moreno  
e nunca se encontrarão  
conheço a tua voz como os meus dedos  
(antes de conhecer-te já eu te ia beijar a tua casa)  
tenho um sol sobre a pleura  
e toda a água do mar à minha espera  
quando amo imito o movimento das marés  
e os assassínios mais vulgares do ano

sou, por fora de mim, a minha gabardina  
e eu o pico Everest  
posso ser visto à noite na companhia de gente altamente suspeita  
e nunca de dia a teus pés florindo a tua boca  
porque tu és o dia porque tu és  
a terra onde eu há milhares de anos vivo a parábola  
do rei morto, do vento e da primavera  
Quanto ao de toda a gente – tenho visto qualquer coisa  
Viagens a Paris – já se arranjaram algumas.  
Enlaces e divórcios de ocasião – não foram poucos.  
Conversas com meteoros internacionais – também, já por cá passaram.  
Eu sou, no sentido mais enérgico da palavra  
uma carruagem de propulsão por hálito  
os amigos que tive as mulheres que assombrei as ruas por onde passei uma só vez  
tudo isso vive em mim para uma história  
de sentido ainda oculto  
magnífica irreal  
como uma povoação abandonada aos lobos  
lapidar e seca  
como uma linha férrea ultrajada pelo tempo  
é por isso que eu trago um certo peso extinto

nas costas  
a servir de combustível  
e é por isso que eu acho que as paisagens ainda hão-de vir a ser  
escrupulosamente  
electrocutadas vivas  
para não termos de atirá-las semi-mortas à linha  
E para dizer-te tudo  
dir-te-ei que aos meus vinte e cinco anos de existência solar estou em franca  
ascensão para ti O Magnífico  
na cama no espaço duma pedra em Lisboa-Os-Sustos  
e que o homem-expedição de que não há notícias nos jornais nem lágrimas à porta  
das famílias  
sou eu meu bem sou eu partido de manhã encontrado perdido entre lagos de  
incêndio e o teu retrato grande!

«autografia I» in *Pena Capital*

\_ morte



## ... é o momento!

*conversa entre Miguel Gonçalves Mendes e Mário Cesariny,  
na sala da casa de Mário.*

### **O Mário tem medo da morte?**

Sou capaz de ter, um bocadinho. Não sei o que é. (ri)  
Mas gostava de ter daquelas mortes boas... a gente  
deita-se para dormir e nunca mais acorda, isso é que é  
bom. Mas tenho medo sobretudo da degradação física,  
isso sim! Porque eu já sofro um bocadinho, vá lá, isso é  
que é muito chato, isso já é a morte a trabalhar,  
a trabalhar. A morte propriamente não existe.  
Se morreu, morreu... é o momento!

Tens medo da morte, tu?

### **Não penso na morte.**

Muito ou pouco?

### **Não penso porque tenho medo.**

E ao atravessar a rua? Um dia és atropelado, tens de  
pensar. Lá isso, eu tenho sempre muito cuidado a  
atravessar a rua. (ri)

### **E o Mário acredita em alguma existência após a morte? Independentemente de Deus existir...**

(interrompe) Não vale a pena responder a essa pergunta.  
Ainda há três dias apareceram aqui à porta uns loirinhos,

um era inglês, parece, e outro mais feio, assim a atirar  
para a ascendência negra, não sei – suponho que é de  
propósito, um mais bonitão e outro mais macaco, que é  
para apanhar as pessoas todas. Então vinham discutir isso.  
Chamam-se a Igreja dos Santos dos Últimos Dias... que  
é uma coisa que ninguém percebe, mas o que é isto?  
Eu disse, olhe, não vale a pena falarmos porque o crer-se  
ou não se crer... nem vocês me podem convencer de  
coisa nenhuma nem eu a vocês, é uma questão de fé.  
Há pessoas inteligentes que são católicas, podem não ser  
segundo o ritual romano, não é? Mas são católicas. E há  
estúpidos, ou mais estúpidos, que são ateus.  
Em vez de responder diretamente à tua pergunta, eu posso  
fazer um desvio e dizer uma coisa talvez com mais graça.  
A minha visão anedótica da Criação, do *Génesis* católico,  
é assim: havia lá, não sei onde, numa coisa qualquer  
que já teve vários nomes, vários deuses, etc., até que se  
chegou ao Deus católico. E sendo esse Deus onnipotente,  
omnisciente, omnipresente e mais tudo o que tu queiras,  
lembrou-se, de repente, de uma coisa, porque estava muito  
chateado, muito aborrecido, não acontecia nada, não é?  
Então criou o homem. Bocadinhos de cocó, de lama:  
o homem!

Depois foi outra vez para as Amoreiras\* para ver o que  
é que acontecia. Como não acontecia nada porque o  
homem só dormia, comia, tomava banho... Jeová disse  
«isto não dá nada, é uma chatice!»! E então criou a mulher,  
e a partir daí é que isto foi uma salganhada sem fim,  
o homem atrás da mulher, a mulher atrás do homem e Ele

\* N.E. Centro comercial de Lisboa.

– se existe, que eu não creio, não é? Pelo menos neste [não] – deve passar a vida à gargalhada, a rir-se do que fez. Eu posso acreditar num deus desconhecido, aliás já escrevi isso, ou já me referi, a um deus desconhecido, que por acaso... eu lembrei-me agora disto, é o título do primeiro livro do Steinbeck, que é um livro muito bom, muito bonito.

Eu sou um bicho religioso, acho que sou, e o Homem é-o! E talvez eu transfira isso para o terreno da poesia.

A poesia não é fazer bonitos, rimar bem, dizer: «Ah, tão bonito!» Não digo que seja sempre, mas, em mim, é uma invocação, ao contrário da evocação. Na evocação, tu lembras um tempo passado, na invocação tu rezas ao tal deus desconhecido, que é para ver se [ele] aparece.

O trágico disto, ou dramático, pode ser que talvez me tenha aparecido, e eu não dei por isso. Porque os poetas, os criadores em geral, mas sobretudo os poetas são psicologicamente muito onanistas, em vez de estarem em cima de alguém, a darem com o rabo para cima e para baixo, põem-se a escrever, percebes o que eu quero dizer? É uma espécie de substituição.

### **Mas como eu não acredito em Deus...**

Mas eu também tenho inveja... dos crentes e dos suicidas, dos dois.

### **O que é que perdura?**

Enquanto o fogo arde, sente-se isso, mas quando o fogo se apagou, se extinguiu, fica-se vazio.

**É porque às vezes tenho a sensação... em dadas alturas da minha vida... que é quase como se os deuses estivessem contra mim, como se carregasse uma cruz que não sei o que é...**

Mas nós não temos sorte nenhuma, porque o Deus que nos inventaram é uma figura caricata, porque se o Diabo morre num acidente de automóvel, Deus morre no dia seguinte de desgosto, porque não podem viver um sem o outro. É caricato isto! Não dá!

Por outro lado, esta cachimónia que a gente tem não dá para apanhar tudo o que nos rodeia, não dá. Pronto!

E depois cada um toma a sua crença, a sua interpretação. Deve ser um alívio ir ao confessor do Guterres\*, dizer: «Ah, fiz isto e aquilo, blá-blá-blá.» É como tomar um banho, não é?

**O Mário aqui diz que está «[...] farto de ser escrito na lista dos tiranos: condenado à morte!» e eu acho que o Mário, de alguma forma, também se sentia condenado a alguma coisa, que era um condenado...**

Ah! Eu sou um condenado de alguma coisa?

**Não sei. Isso pergunto eu: porque é que o Mário se sente condenado?**

Sim, há qualquer coisa em mim que me leva a ser o que sou, não tenho isso como uma condenação. Quando eu digo condenado à morte, não é o mero fuzilamento; é o fuzilamento civil. Não é o *pum, pum, pum* e cai para o lado.

\* N.E. Primeiro-ministro à data da entrevista.

Não pertencer a esta sociedade, é esse sentido que eu dou à condenação.

Agora há mais paciência para aturar gente esquisita, mas a nossa cultura, a nossa civilização, a Europa, este continente tão ou mais desastroso do que os outros todos... E ainda fomos lá para fora chatear toda a gente, bom... não sei, já me esqueci...

Mas tu não és crente?

**Não.**

Mas és jovem, isso é muito importante; ser velho também é importante, mas é muito menos agradável.

**E se o Mário fosse uma figura divina...**

Divina? Eu sou uma figura divina! (ri)

**Sim, o que é que fazia?**

Ah, eu não faço ideia. O que é que eu fazia? Dava razão ao Fourier e propunha o novo mundo amoroso que ele propõe. Se não sabes o que é, vai saber. O livro chama-se *Le nouveau monde amoureux*, mas é um livro muito complicado, porque o que ele propõe é tão revolucionário – ele era um socialista utópico – é tão revolucionário, tão, tão, que está todo escrito em cifra: há o grupo das borboletas azuis, depois há o grupo dos não-sei-quê, está tudo em cifra, e é preciso conhecer a cifra, senão não percebes nada do livro. E ele diz que, se o não fizesse assim, ia para a guilhotina em três minutos. (ri) Uma visão completamente adversa ao mundo em que vivemos, não é?

**Mas se o Mário fosse Deus?**

Se eu fosse Deus?

Mas Deus... acho que é uma figura muito ridícula, não me apetece nada. Quer dizer, as imagens que nos dão de Deus é uma coisa de rir à gargalhada, uma coisa sem sentido.

E se eu tivesse um poder divino de não-sei-quê: matava o teu amigo e casava contigo. (ri)

Sei lá o que é que eu fazia.

Uma coisa que nos aproxima e que é muito grata é a pintura, ou a poesia, que, de qualquer maneira, é uma criação e tem a ver com...

Uma vez, já há muitos anos, estava com o Bernardo Pinto de Almeida, no meu *atelier*, no antigo, e eu disparei-lhe esta: «Ó Bernardo, você acha que há realmente outro mundo?» E depois ele não disse nem sim nem não... apontou para a pintura que eu estava a fazer. (ri)

Isto também sai em imagem, não é? Olha, este (apontando para um retrato) tentou desesperadamente, o Rimbaud, ou fizeram-no tentar desesperadamente, foi um fracasso total. É um grande, grande poeta, não é? Teve de fugir, fugiu para sempre, ninguém mais o apanhou. Não escreveu nem mais um verso, nem queria que lhe falassem em tal coisa. Os amores dele com o Verlaine... que o Verlaine também era um bicho de temer, mas do outro lado.

**E sem ser em termos religiosos, para si o que é o Inferno?**

O que é o Inferno? Ah! Olha, então não digo o que é o Inferno. Vou dizer antes outra coisa. Eu aqui, agora...

vocês vão-se embora, estou a dizer: eu, que estou aqui neste quarto, estou numa espécie de Paraíso muito parecido com o Inferno, sabes?

Mas acho que isto é verdade. Estou aqui. Nesta casa. Numa espécie de Paraíso, muito parecido com o Inferno.

### **Mas porquê?**

Porquê? Porque o meu tempo passou, pronto! Nunca saio porque não tenho aonde ir, não há aonde ir, quase todos os meus amigos morreram já, etc. Ontem fui àqueles cinemas do Saldanha, ah!, meu Deus! Não sou contra, acho muito cómodo, muito bonito, e vi que há umas casas de banho muito propícias a encontros breves, mas não me dá para ir para lá. (ri) Não sei se alguém vai.

É tudo! Podes viver e morrer... desconfio que só não têm agências funerárias, é a única coisa que falta ali, mas qualquer dia também há, não é? Por que diabo...

E depois temos um medo da morte... incutem-nos o medo da morte, não devíamos ter tanto medo. A morte é como a caca, esconde-se, esconde-se, *chhhh*.

Quando lá chegar, vejamos: se for o descanso eterno, já não é mau. Pronto, acabou!

O Lima de Freitas, um dia, explicou-me como é.

É assim: «Vossa Senhoria é um rio, você vai por ali abaixo todo contente. Depois vai dar ao mar. Está lá no mar, mas já não é um rio. Está lá.»

Eu não gostei dessa... (ri) não gostei muito dessa explicação. Porque é igual a desaparecer, não é?

Há uns velhotes que aturam muito bem a velhice, eu sou muito impaciente diante das vicissitudes da terceira idade, não gosto nada, não acho graça nenhuma. E já tenho algumas bastante chatas.

A cabeça mantém-se, o que é, é que range um bocadinho mais, sabes? A cabeça funciona, mas às vezes range, range. Não é dor de cabeça! Está chateada.

Depois há coisas engraçadas, por exemplo, se eu vou a um acontecimento qualquer que realmente me entusiasma, as pernas andam bem, etc. Portanto, é tudo da mioleira.

Sabes, é um bocado aborrecido. Mas depois também não há netinhos para distrair, ai, ai, ai, não há essas discussões por causa da herança, se vai para o neto mais velho ou mais novo. Não. O mundo *gay* tem coisas lindíssimas, mas tem... pode ter finais muito chatos... Que isto não é só andar por aí a gozar, e a voar. Depois pagas. (ri)

É conforme o país... aquele grande ator inglês que já morreu, mas morreu há pouco tempo, aquele ator inglês, o maior dos maiores, como é que ele se chamava? Foi talvez o maior ator, maior que o Laurence Olivier, pois... agora acho que morreu, mas durante muitos, muitos, muitos anos, conheceu um amigo, ainda jovem, e até que ele morreu, foram amigos. O amigo levava-lhe o pequeno-almoço à cama... (ri)

É bonito, não é? Porque o *Sir*... "aquilo" já não devia funcionar de maneira nenhuma... é o amor em estado maior de pureza, enfim, não sei. Amizade. *Sir John Gielgud*... aquele que interpreta o Shakespeare. Era o maior, e agora, já mais velhinho, davam-lhe assim uns papezinhos para ele ganhar algum, no cinema, não é?



## «a criança é a máscara do velho»

É aquela coisa que eu te disse, que Deus estava muito aborrecido, não acontecia nada, então resolveu fazer isto, para limpar as mãos à parede. (ri)

Há uma coisa... sei lá, quando se é jovem ou mais jovem, há um ímpeto natural para a sobrevivência, não é? É natural...

Acho que temos o Céu e o Inferno aqui, não é? Temos coisas muito doces, muito belas, e temos coisas muito dolorosas. Muito.

É o que estamos aqui a fazer!...

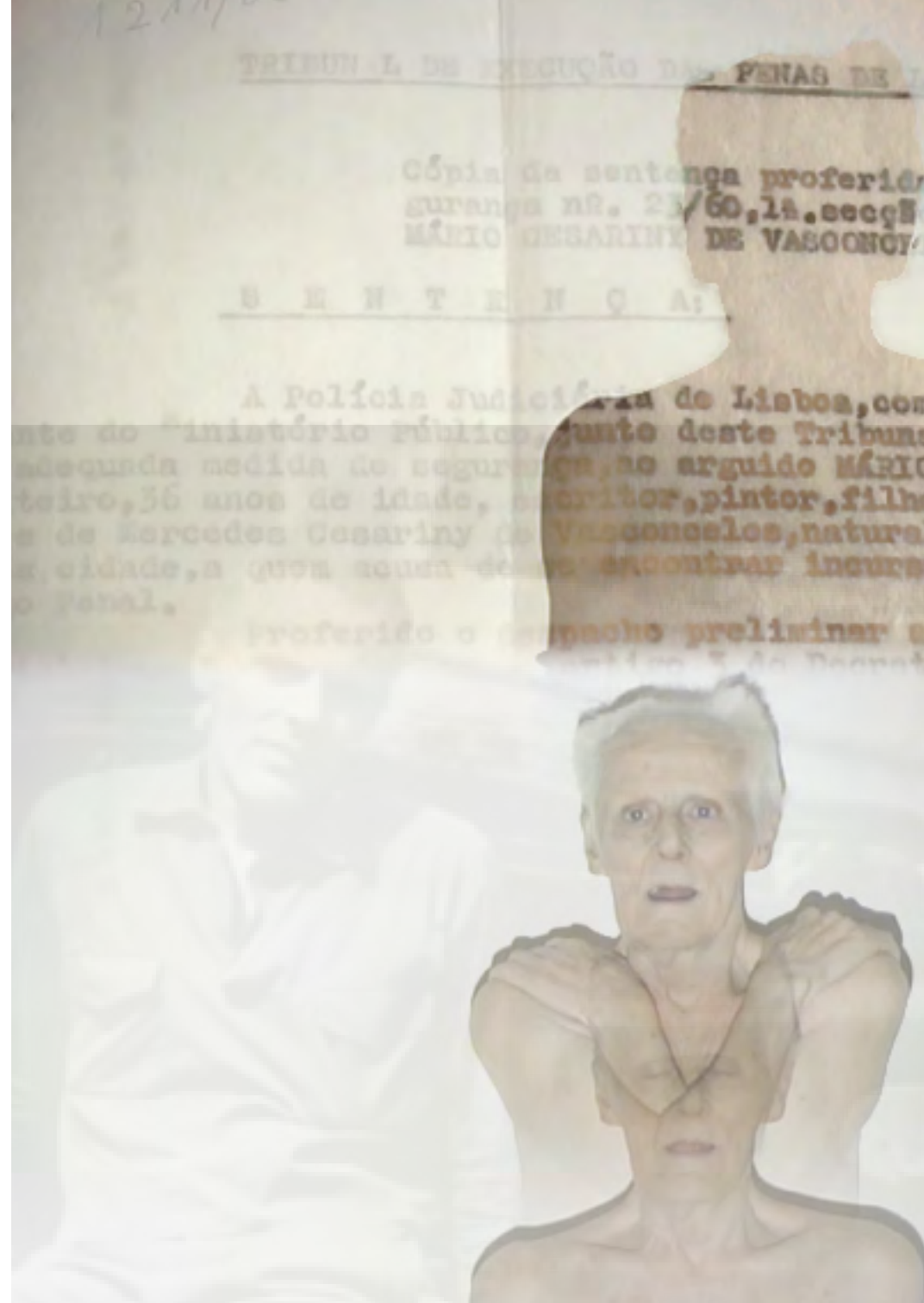
Há poemas lindíssimos, há muita coisa linda, que não sabemos bem porquê, admiramos e gostamos. E depois quem quiser que responda.

Olha, sabes o que é que diz o Pascoaes, que é o meu maior? A coisa é tão horrível, que eu uma vez escolhi uma série de aforismos do Pascoaes e publiquei, mas achei esse tão horrível, que não pus:

«A criança é a máscara do velho». (ri)

**Nós vivemos uma vida inteira cheia de amor, de ódio, de obras, de... mas o que é que fica, o que é que realmente fica de nós?**

Bom, de nós, ficam os filhos se fazes filhos, ficam livros e pinturas se escreves ou pintas, ficam esculturas, etc.



Não é grande consolação... para mim não é!...

Porque, se houvesse a eternidade, era uma coisa, não é?  
Mas não há. Não interessa quantos milhares de anos, ou milhões de anos, o planeta Terra vai levar para explodir, não é? Portanto... acaba tudo por desaparecer, pronto, *fssst!*

É muito misterioso isto tudo, não é?

### **Então, para que é que isto serve?**

Não sei, serve para foder, que é muito agradável e dá muito gozo. Serve para amar... e serve para morrer. Pronto!

«A criança é a máscara do velho», mas a verdade é que a criança, enquanto criança, é mesmo criança, não é? Não é velho. E o jovem é jovem.

Eu tenho algum medo daqueles hindus, daqueles que acreditam na reencarnação, não é? Porque eu posso ter sido tão bonzinho, tão lindo nesta vida, que posso reencarnar, sei lá, na Joana D'Arc! E queimam-me viva!

Não estou interessado. (ri) Eles acreditam piamente nisso, e eles acham que o mundo agora atravessa uma época de declínio, que durará, parece, catorze mil anos, imagina! Isso é o que eles creem.

Não sei se à hora da morte terei tanto medo...

No outro dia fiz uma coisa que acho que é bonita, e não sei bem o que é que significa. Há uma amiga, uma boa amiga minha, a quem morreu o marido recentemente, que era uma bela pessoa. Ela estava lá no Norte em casa dos sogros, não sei quê, depois telefonou-me para dizer que era... que... não sei se fazia um mês, se fazia dois meses certos que o marido dela tinha morrido, era um jovem, ele. E sabes o que é que eu fiz? Eu não sou católico, nem pensar nisso... mas perguntei-lhe: «sabes a salve-rainha?», que é uma oração que eu acho muito bonita, não é lá por causa do Papa. E ela: «Não, não sei.» «Então eu digo verso a verso e tu repetes.» E foi assim: eu dizia «Salve Rainha», e ela dizia «Salve Rainha», «Mãe de misericórdia»

«Mãe de misericórdia

Vida, doçura, esperança nossa, salve,

A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva,

A Vós suspiramos, mendigos choramos,

Neste vale de lágrimas...»

e ela também não é católica. (ri)

Acabou?

## obituário take †

*Miguel e Mário conversam na pastelaria Versailles.*

E agora, vou-te ler, ou dizer o «obituário dos amigos com quem eu convivi nos cafés». Começa muito cedo, com o Fernando José Francisco – muitos deles estavam na [escola] António Arroio.

O † **Fernando José Francisco** era, de todos nós, o que tinha mais talento, mais força como pintor. Mas aconteceu o seguinte: apaixonou-se por uma linda infanta e teve de deixar de pintar, porque nessa altura era assim: havia o Salão de Arte Moderna, do António Ferro, que era de quem estava com o regime, e havia a Sociedade... a Academia de Belas-Artes, que era onde expunham os velhotes, e em Lisboa não havia mais nenhum lugar para expor. Quer dizer, ou eras do Salazar, ou eras dos velhotes. «Olha, meu querido, faltou-te vigor!» Resultado: o Fernando José Francisco, como não queria expor nem num sítio nem noutro, deixou de pintar. Casou com a bela infanta e acaba-se a história.

Agora temos o † **António Maria Lisboa**, que não se pode dizer que se... suicidou, mas que teve uma vida completamente suicida. Já no fim [da sua vida], a segunda vez que ele vai a Paris, já só tinha um pulmão, estava perdido! E esperava ser recebido por uns amigos – que era gente conhecida, mas agora não me lembro do nome – que o tinham convidado. E esteve o dia inteiro, disse depois a porteira, sentado na soleira da porta desses

amigos, que nesse dia tinham partido para Itália. Quer dizer, mais fome, menos um pulmão, e veio em estado comatoso.

Mas ele realmente não queria morrer, não é isso. A vida dele foi suicida, foi isso. Eu sei que ele esteve um inverno inteiro num sanatório, perto de Coimbra, com a boca cerrada, para não se rir, porque uma gargalhada podia tirar-lhe o resto do pulmão.

O † **João Rodrigues** suicidou-se, atirou-se de uma janela do 4.º andar.

O † **Gonçalo Duarte** foi para Paris e a notícia que sai no jornal é espantosa, começa assim, num jornal português: «Família de Gonçalo Duarte diz que ele acaba de morrer de fome em Paris.»

Ele era uma pessoa extraordinária, muito, muito, muito interessante, e nós temos textos escritos com ele. Há coisas terríveis; eu uma vez fui lá com um *marchand* para lhe comprar quadros e, três dias depois, esses mesmos quadros, que eram bastantes, estavam todos à venda no *marché aux puces*, lá na feira da ladra deles, a dez tostões, ou quase. Bom, então, eu acho que se matou, pronto!

Onde é que estamos? Eu não quero fazer aqui de agência funerária, mas quero que isto se saiba.

O † **Manuel d'Assumpção** foi talvez quem, antes de contactar connosco, fez pintura surrealista cá em Portugal, além de ser, com certeza, um dos nossos melhores pintores. Em mais jovem, vivia em Portalegre, e organizou um grupo que assaltava casas, mas não era porque tinha fome, era uma forma de protesto, de revolta. Resultado:

a família ficou muito aflita, o pai fazia fotografias obscenas que vendia, bom... e para não o prenderem, meteram-no, acho que durante três meses, num hospício, num hospital de malucos. Ele nunca se recompôs daquilo. Nunca. E não tenho medo de dizer que ele é o nosso maior pintor, em sei lá... nas décadas de 50, 60. Depois passou para uma forma mais abstrata, e como os críticos, os nossos críticos de então, e até os de agora, acham que, sendo um bocado mais abstrata, já não é surrealista, então dizem que não é. Mas é! Enforcou-se no dia em que o Homem chegou à Lua. Cortou os pulsos e enforcou-se em cima de uma banheira.

O † **João Artur Silva**, que expôs connosco, fugiu para Londres, nunca mais foi visto.

O † **Mário Henrique Leiria**, já cheio de desespero, aderiu ao Partido Comunista, com o Carlos Eurico da Costa, portanto, passou-se, não é?

Há muito que o surrealismo tinha tentado e falhado a aproximação com o Partido Comunista. E o Breton decidiu e bem... já que o chamado comunismo não nos quer, nós também não queremos mais ninguém, não há partido para nós.

Olha, o dono do café Royal, que era um café magnífico ali no Cais do Sodré, que é o tal navio de espelhos\*, começou a simpatizar connosco, deu-nos um pequeno apartamento, lá dele. Suicidou-se. (ri)

\* N.E. Refere-se ao poema "O Navio de Espelhos".

O † **Virgílio Martinho** morreu, morreu com um cancro.

Mas houve uma coisa bonita. Eu estava em Londres, e o Ricarte Dácio e o Virgílio Martinho combinaram uma coisa: se o Virgílio começasse a ter aquelas dores horríveis do cancro – acho que hoje já há mais remédio para isso, mas na altura não havia –, o Dácio dava-lhe um tiro. Matava-o, portanto.

Finalmente, o Virgílio Martinho morreu de cancro, mas sem dor, sem dor, morreu. Mas o Ricarte Dácio ficou com o revólver ou a espingarda em casa.

† **Ricarte Dácio de Sousa**, que me recebeu em Londres magnificamente, com magnificência, não é que ele tivesse muito dinheiro, mas a mãe mandava, e ele dizia: «MÁRIO, CHEGOU CACAU!» (ri), tinha gosto em... na vida grande. Esteve sempre habituado a uma vida em bom, a casa dele em Londres foi onde eu estive dois anos, era no melhor bairro de Londres, em Knightsbridge. Quando veio para cá, a mãe já tinha morrido, já não tinha dinheiro, e quando percebeu que na semana seguinte já não tinha dinheiro para pagar sequer o colégio do filho – que estava no colégio francês, ou qualquer coisa assim –, sabes o que é que ele fez? Agarrou na espingarda, não sei por onde é que começou, mas matou a mulher, matou o filho, matou o gato e matou-se.

Alguns gente, alguns amigos censuram, sobretudo a morte do filho, mas o que é que o filho ia fazer? Ia pedir esmola para a rua? Eu acho isso tão discutível como belo, sublime, à romana, não é? *Pum!* Acabou!

O † **João Vasconcelos Pascoaes**, sobrinho do poeta, morreu de cancro.

Acho que sobram o Carlos Calvet, o Cruzeiro Seixas, o Alfredo Margarido, que está há muito tempo lá para Paris, está lá na universidade, e eu. Passaram-se muitos, muitos, muitos anos, antes que alguém quisesse dizer qualquer coisinha sobre nós, muitos, talvez vinte. Até que apareceu um maluco do Norte, que é o Bernardo Pinto de Almeida, que é crítico, que começou a falar em nós, e um outro homem, que eu acho que é um grande fã de Pascoaes também, que é muito bom poeta também, que é o António Cândido Franco. Aqui passou-se um fenómeno um bocado parecido com o que se passou em Espanha. Em Espanha, depois da Guerra Civil e da vitória do Franco, e até mesmo depois da morte do Franco, ninguém falava nos surrealistas e no surrealismo. E a Espanha tem o Miró, tem o Dalí, tem o Picasso, tem aquela gente toda que fugiu para Paris, até que apareceram dois ingleses malucos – não me lembro o nome deles, mas são dois – que foram a Espanha investigar o que é que se tinha passado, o que era isso do surrealismo, e tinham-se passado coisas importantíssimas. Aqui há um fenómeno paralelo. Os portugueses *piu! Piu, piu, piu, piu!*

E é um espanhol, o Perfecto Cuadrado, que é professor na universidade em Palma de Maiorca, que veio cá, começou a mexer na merda que estava escondida e começou a falar de nós, e há muito pouco tempo.

## E o Mário?

Eu? Eu, no meio disto tudo, acho que ainda estão vivos o Carlos Calvet, eu e o Cruzeiro Seixas. O Alfredo Margarido e o Seixas fizeram uma exposição em África, acho bastante interessante, mas eu, apesar de estar farto de ouvir o Cruzeiro Seixas, até na televisão, dizer mal de mim – eu acho que sei porquê, mas não digo –, podia dizer uma coisa muito triste sobre ele, mas não digo, não vale a pena. É como se ele tivesse um cérebro dividido, metade é todo luz, porque ele faz coisas muito belas, e a outra metade é uma confusão total, não se percebe nada, quando aquilo se baralha, é de fugir.

Há pouco não falei do † **Ernesto Sampaio** na minha lista funerária, foi o último a morrer. Eu já disse, e publicaram, que ele morreu de amor, a única pessoa que conheço que morreu de amor. Não pôde passar sem a Fernanda [Alves]\*, não pôde. Então deu-lhe uma coisa e morreu.

E eu estou para aqui, mas eu sou um fantasma, sabes? Já sou um fantasma de mim mesmo, julgas que eu leio os meus poemas?

Nunca!

Li agora um ou dois.

Passou! Passou... Quer dizer, está cá dentro! Não sei se é no fígado, não sei se é no baço, não sei se é... faz favor de perguntar outra coisa.

\* N.E. Atriz portuguesa nascida em 1930 e falecida em 2000. Integrou os quadros do Teatro Nacional Dona Maria II a partir de 1973.

## obituário take ††

*Miguel e Mário conversam na discoteca Lux.*

Dia de Finados.

Neófito.

“Não há morte” é o lema da sabedoria oculta, e o António Maria Lisboa, de quem vou falar, dizia praticamente o mesmo, dizia: «Não há morte, mas é preciso morrer.»

O † **António Maria Lisboa**, que para mim é nosso maior surrealista – há quem diga que sou eu, mas não é verdade –, ele... morreu muito novo, não é? E ele não era um suicida, pode-se dizer como do outro: é um suicidado da sociedade. O pai queria que ele fosse campista, desportista; havia uma discrepância enorme entre ele e a família, os Noronhas, da Índia, bom... E para abreviar, a segunda vez que ele foi a Paris, já só ia com meio pulmão, porque o outro já estava desfeito. Quando voltou, os médicos desistiram dele, não é? Porque não tinha solução, mas o que é extraordinário é que parece que ele morreu quando quis. Diz-se isso, parece, dos tuberculosos, quando se abandonam é que morrem.

Há uma relação muito estranha entre ele e a mãe... ele escreveu um poema admirável chamado «Isso Ontem Único», que eu creio que é dedicado à mãe, que é um grande poema de amor, e ele durante um ano esteve num hospital, numa clínica de Coimbra, em que passou o inverno com os dentes cerrados, porque não podia rir, porque se se pusesse a rir, ia-se o resto do pulmão.

Quero com isto dizer que ele realmente não queria morrer, mas realmente suicidou-se. Ou foi-se suicidando, como quiserem.

Gostava de falar também [...] no † **Carlos Eurico da Costa**, que também morreu, e editou um livro chamado *Sete Poemas da Solenidade e Um Requiem*, que é um livro! São uns poemas que parece que caíram de Marte, nunca se tinha visto uma coisa assim. Ninguém ligou nenhuma, pronto. [...] É outro morto.

O † **Pedro Oom** morreu de emoção, no dia em que libertaram os presos de Caxias, depois do 25 de Abril. O homem das Edições & Etc. – Vítor Silva Tavares – assistiu a isso: ele ia a subir as escadas e caiu para o lado.

Um amigo nosso, o Édouard Jaguer, francês, em Paris, que teve um papel importante desde que se aliou com o André Breton, para fazer uma revista chamada *Phases*, escreveu na *Phases* que ele, ao receber aquela notícia da libertação de Caxias, tinha morrido de alegria. E eu escrevi ao Jaguer a dizer:

«Jaguer, isso não é assim tão simples, é mais complicado.»

O † **Fernando Alves dos Santos** é outro dos meus mortos.

Lá vem o Lisboa outra vez: «A morte não existe, mas é preciso morrer.»

O † **Alexandre O’Neill** também já lá vai, não é? É bastante conhecido para eu ter de estar a falar nele, não é?

O † **João Moniz Pereira**, que também pertenceu ao primeiro Grupo Surrealista, fez uma coisa espantosa: apaixonou-se por uma senhora, e então foi trabalhar para

a televisão, fazer cenários, ganhar dinheiro. Mas um dia cansou-se daquilo tudo e foi para Paris com quarenta ou cinquenta anos, como se vai para Paris aos dezoito! Sem um tostão. E foi aí que ele fez as melhores pinturas. Depois foi-se!

O † **Manuel d'Assumpção**, que é das figuras mais espantosas, porque além de ser um grande pintor, quer dizer, manejar uma técnica enorme, foi também dos primeiros surrealistas cá. O João Pinto Figueiredo, que era um grande colecionador, conseguiu ir a... acho que é Portalegre, onde ele vivia com os pais, e conseguiu resgatar umas primeiras pinturas dele, lindíssimas, inteiramente surrealistas; depois ele passou para um lado mais abstrato, que os críticos, sobretudo os nossos críticos, que gostam muito de tabelas fixas, acham que é menos surrealista.

Eu acho que, se se é surrealista, não é porque se pinta uma ave, ou um porco, de pernas para o ar. É-se surrealista porque se é surrealista!

E já agora conto-te do Manuel d'Assumpção uma história lindíssima: eles não eram pobres nem passavam fome, mas ele fez lá em Portalegre um grupo de, digamos, *teddy boys* que se dedicava a assaltar casas, mas por revolta, não por necessidade – queriam destruir o que achavam chocante. Conseguiram livrá-lo da prisão, metendo-o num manicómio, pouco tempo. Isso marcou-o a vida inteira. Depois teve uma época muito bonita, em que o João Vasconcelos, o sobrinho do Teixeira de Pascoaes, o acolheu lá no *atelier*, no solar de Pascoaes, onde ele pintou muitas coisas e... foi muito bom.

Mas depois veio para Lisboa, e no dia em que o Homem chegou à Lua, porque ele também era um bocado esotérico, cortou as veias e enforcou-se, *sssst*, não havia hipótese.

O † **José Sebag** também, o que escreveu *O Planeta Precário*, a que ninguém liga boia, também já lá vai.

O † **Mário Henrique Leiria**, que era um tipo formidável, tinha uma paixão impossível por uma alemã... morreu!

Há o † **João Artur Silva**, que eu não sei onde é que está, não sei se morreu, se não morreu, foi para Londres, desapareceu do mapa.

Há a † **Maria Helena Vieira da Silva**, era uma grande amiga, mas isso era outro caso.

E morreu a que eu posso considerar a minha noiva alquímica, porque nós – todos os anos... o nosso pai era um grande traste, mas levava-nos para a Póvoa do Varzim, onde tínhamos tios, a tia Henriette Calafate – e eu e a Maria Helena, desde miúdos, em vez de irmos para a praia do turismo, fugíamos para as bandas de Vila do Conde, desaparecíamos e passeávamos o dia inteiro. Quando chegávamos a casa, apanhávamos coças tremendas: «Onde é que vocês andaram?!!» Isso acabou quando eu teria talvez catorze anos ou quinze, não sei. Mas o que é extraordinário, e não digo isto por vaidade, é que ela depois fez a sua vida, foi hospedeira de bordo dos aviões, quase sem saber inglês, depois casou com um homem rico alentejano, mas o que aconteceu, isto contou-me a minha prima Maria Clara, que também já morreu, infelizmente, é que, à hora da morte, ela falava em mim,

dizia: «Era um amor puro.» Tinha de ser puro, que éramos tão criancinhas, não é?

Há o † **João Vasconcelos**, que era um grande amigo que me recebia lá no solar do Pascoaes, também morreu! Morreu ele e a seguir morreu o filho dele, os dois de cancro.

O Carlos Calvet sobrevive, mas é raro vê-lo.

Há o † **Mário Botas**, que esse acho que foi o último a morrer, de leucemia. E é tudo.

E o que morreu e que me faz uma falta terrível – é claro que isso é um problema da idade, não é? – foi † **a minha cidade**, os nossos cafés, onde nós não fazíamos mais nada senão perder a vida, «*par delicatesse j'ai perdu ma vie*», não nos queríamos empregar no banco, também não queríamos roubar, não queríamos a política, não queríamos coisa nenhuma, e aquele café Gelo foi o ponto de reunião de todos aqueles vagabundos, socialmente muito mal vistos, no meu caso com perseguição policial, judiciária, muito, muito, muito chata.

## lisboa

Há uns dias, quando estive aqui, o Mário disse-me que para si Lisboa já tinha desaparecido ou que, a existir, existia simplesmente no seu quarto...

A não ser que se tenha jeito para a escrita, eu não tenho, não tenho... iluminações, é outra coisa...

Bem gostava de Lisboa desse tempo...

Bom, não interessa.

Resumindo, o que quero dizer é que o Mário disse que Lisboa existia unicamente no seu quarto.

Não é isso... desapareceu. Quem me dera que estivesse aqui. Não imaginas a gente que aqui vias.

Lisboa desapareceu... já sei que é um fenómeno geral, em toda a Europa... mas aqui é muito pior. Não há um café cujo dono tenha vergonha de pôr a televisão aos gritos e a música aos «ais» lancinantes.

O meu hábito era escrever... nunca escrevi em casa, sabes? Escrevia no café. E esses cafés, *sssst*.

Não estou a dizer que deixei de escrever poemas por causa disso, mas em todo o caso... não é?

Para escrever, era pela rua ou no café. Depois, se aparecia um amigo – porque apareciam muitos, não era só eu que era o vadio – mandava-se o poema passear e íamos para a conversa.



Queres mais coisas?

### **Quando é que o Mário começou a sentir que a cidade estava a desaparecer?**

Bom, eu acho que um dos elementos principais... bom, a ditadura continuou, não é? Mas foi quando a televisão apareceu nos cafés. Puseram a televisão em todos os cafés; ora a televisão, estando ligada, não é possível não olhar para ela. As pessoas ficavam todas a olhar para a televisão, depois à meia-noite, já todos cheios de sono, iam para casa dormir e isto devia ser muito bom para os casais desavindos, porque assim nem discutiam nem nada, quando chegavam a casa era já para ir dormir.

Depois da televisão veio a música, três mil megassons, essas coisas!

E parece que à entrada dessa discoteca [Kremlin], se não gostam de ti, tiram-te logo uma orelha, para começar, ou se não dás 5000 [escudos] e essa coisa assim.

O que quer dizer que há muito dinheiro, não é?

Não sei se vocês vão, eu não vou, nem me apetece!  
Nem posso ir! Não aguento aquele barulho excessivo.

E suspeito que aquela gente não vai ali para comunicar. Vai é para se atordoar! Porque falar uns com os outros ali deve ser muito difícil. Com o barulho, não é?

Mas eu devo ser um velho reacionário...

Ah, isto era sobre Lisboa!

Eu acho que já te disse que, para poder fazer isso, eu tinha de ser russo na época do Estaline. Como fez o grande cineasta. Como é que ele se chama...? Eisenstein.

Porque, não sei, porquê... o Estaline que punha as bichas todas de cabeça para baixo... àquele, que era das frescas, aguentava-o, porque ele também engrandecia o regime.

Mas para dizer o que era Lisboa há cinquenta anos ou quarenta, era preciso, em vez do Salazar, o Estaline e em vez de uma data de coisas, outras coisas. Para se reconstituir o que era a Rua do Arsenal, por exemplo, às cinco e meia, às seis e às seis e meia.

Era uma coisa... que nem te digo o que era. Porque era a saída da Marinha que vinha do Alfeite, do lado de lá. E agora vou perder a vergonha toda e vou dizer uma coisa muito bonita: havia um amigo meu... já morreu também... que era muito engraçado, era muito aventureiro. Um dia herdou uma grande fortuna. Ele era do Porto. É o... não digo o nome, pronto. Herdou uma grande fortuna e nunca mais saiu de casa com a fortuna.

Mas antes da fortuna saímos todas as noites, não é... na asa do corvo. E já nos conheciam tão bem que, uma vez, fizeram uma coisa muito bonita. Qualquer outro talvez se atemorizasse.

Mas não, à medida que vinham saindo... – eu peço muita desculpa à Marinha de estar a dizer isto! Porque eu sei que na Marinha portuguesa não há homossexuais. Ou não havia. Só havia homens que não eram homossexuais mas que iam com os homossexuais. É muito complicado mas era assim. Bom...

É claro, cinco tostões para carro elétrico... essas coisas assim – fizeram uma coisa espantosa. O carro era bastante grande. E eles cobriram o carro todo com os seus corpos, quer dizer, primeiro pelo motor, assim por cima do carro, depois o *capot* e nós ficámos como numa caverna submarina, submergidos por fardas brancas e azuis. Isto é muito bonito da parte de quem o fez. Era uma espécie de grande abraço que nos davam. *Sffft*. Acabou.

Agora estás a ver. Eram precisos os milhões da escravatura estalinista para...

A pensão era em cima. Bom... enfim. E a polícia atrás, claro. A polícia a chular. Porque eles... davas algum e deixavam-te ir embora. Chegar à pensão com alguém... já era a Batalha de Lepanto porque eles andavam na rua, os marabuntas, andavam pela rua e tinham uma técnica impecável. Separavam as pessoas e diziam: «Donde é que conhece aquele senhor?» A gente tinha-se conhecido naquele momento, e depois iam ao outro. Depois diziam: «Dá cá dinheiro para ires embora: não tens dinheiro, vais para o Governo Civil», aconteceu várias vezes. Bom... isto é o aspeto trágico. Parece que as ditaduras são uma coisa horrenda, mas têm um outro aspeto – exaltam, precipitam as pessoas para a transgressão, para toda a espécie de transgressão, até essa! Abaixo a ditadura, não é?

**O Mário, há uns tempos, estava a olhar para Lisboa e dizia que não reconhecia esta cidade, que não parecia a mesma e que não a reconhecia...**

É outra! A cidade e as pessoas. Eu já andei no Rossio, agora menos, mas andei quando se falou mais na história da seringa.

As pessoas com medo umas das outras! Bom... em Chicago acho que já nem se pode sair à rua.

**Mas o Mário não a acha mágica, não ama esta cidade?**

Ah, amo imenso! A cidade, a minha cidade. É uma coisa lindíssima. O que é, é que já não é minha.

**É de quem?**

É das discotecas, dos universitários, que dão erros de português, das universidades, que são antros de gatunos, e das casas da misericórdia, que são casas de putas. Isto já vem do Salazar, claro.

**Mário, mas isso sempre foi assim, quero saber é porque é que o Mário considera esta cidade um lugar mágico?**

Porque havia os meus sítios e havia os sítios das minhas pessoas. E depois havia outros, de outras pessoas que eram minhas também, os cafés...

Primeiro foi o café Royal, depois foi o café... o último foi o café Gelo. Eu ia às minhas aventuras e depois ia ter com os amigos e depois ainda ia para casa da Natália Correia, onde se reunia tudo o que era oposição e tinha coisas engraçadas para dizer, até às quatro horas de manhã se fosse preciso, a porta aberta!

**Então, o que o Mário quer dizer é que, se os seus amigos fossem de Berlim, Berlim também era uma cidade mágica? Porque é que o Mário não se foi embora?**

Eu não me fui embora, há muitos anos, por causa da tripa, porque cada vez que eu comia fora de casa ficava doente.

Porque para mim o indicado era o Norte de África. Toda aquela época de Marraquexe, aí é que estava bem. E ainda estou a pensar se não deixo um papel escrito, é um bocado ridículo.

Lembras-te daquele gajo que diz coisas decentes, que diz:

«Pátria minha, Pátria ingrata, não terás os meus ossos.»

Lembras-te disto? Bom... eu não me importava de ser enterrado em Espanha, sabes? Achava mais graça, nem que fosse naquela aldeia, Olivença! Eu sou meio espanhol, também. Que esta pátria, ou esta porra de pátria, não fez absolutamente nada por mim. Estou a falar desta cidade – Lisboa – não fez nada por mim. Havia antigos ministros, que eram homossexuais, protegidos por agentes da polícia para não serem incomodados por pessoas que não tinham a picha suficientemente grande para andar a incomodar o senhor doutor. E a mim prometiam-me ser seguido para saber com quem é que eu falava. Achas que é agradável?

Porque é que as coisas são mágicas? Tu sabes?

Eu também não! Mas são!

Há uma palavra do... não responde à tua pergunta, mas há um dogma da Alta Magia, aliás já citado por nós num dos poucos manifestos surrealistas que publicámos, que diz: «No círculo da sua ação, todo o verbo cria o que afirma!»

Talvez eu vivesse dentro daquilo que eu afirmava.

De qualquer maneira, eu tenho uns amigos americanos, que vivem em Chicago, que foram agora a Roma e me escreveram um postal a dizer: «Olha, Lisboa é muito mais bonita do que Roma!» (ri)

A Baixa é mágica e a variedade dos bairros... por exemplo, a Graça não se parece nada com... aquele onde há o cemitério dos Prazeres, como é que se chama? Campo de Ourique. Campo de Ourique não se parece nada com...

Eu sei que isto não responde à tua pergunta. Mas eu não sei responder.

Era mágica... era e é! Na paisagem! É lindíssima! E vista do lado de lá... ahhhh, é muito bonita!

### **E o Mário tem saudades?**

Se eu tenho saudades? Eu estou morto de raiva da mudança, da mudança geral. Não é só cá, é em todo o mundo. Porque... o meu tempo de verdadeira aventura acabou há muitos anos.

### **Mas que mudança é essa?**

Isso não se pode dizer em público, acho chato.

O Fernando Alves dos Santos tem um poema que tem um verso muito bonito, diz assim: «Um lobo e um barco encontram-se no alto mar pela primeira vez», nem o barco sabe o nome do lobo, nem o lobo sabe o nome do barco, percebes? E dentro disso, possivelmente, o maior grau de pureza que se podia atingir.

Poucas pessoas das que eu conheci, desses encontros assim, sabiam quem eu era ou não era, se era pintor,

se era escritor, se era gatuno, não, não, não, não, não. Uma coisa um bocado a sério, sabes? O exterior não existia. Nenhum! Éramos só duas pessoas que estavam ali, às vezes só depois é que se sabia o nome, nem era importante! Estás a olhar para mim com uns olhos muito admirados. (ri) Isto é doutras eras, isto hoje já não se entende, mas é a minha era!

### **O Mário acha que não se entende porquê?**

Não se entende porque vão para os bares das bichas, depois quem não é bicha não vai que é feio, depois casam umas com as outras, depois uns deixam crescer a barba para dar a impressão ao outro que são muito homens, e uns grandes bigodes, o aspeto anedótico. É uma anedota. É o caso de um que fica em casa, já porque foi às compras, já porque não sei quê, o arroz com chouriço, e o outro que foi para a fábrica com a malinha, não é? Enquanto o *femina* fica em casa a tratar dos deveres domésticos, isto é uma anedota. Tu estás com uma cara tão feia. (ri) E essas coisas horrendas...

Há um amigo meu – olha, agora descobri um poema dele que está ali em inglês, ainda não o consegui traduzir –, o Édouard Roditi, que era um tipo muito sério, era lá professor de uma universidade norte-americana, e vinha cá muito, conhecia isto e conhecemo-nos. Era um homem muito interessante, tem um livro sobre o Fernão de Magalhães, e era um bom poeta. E uma vez deu uma entrevista a uma revista *gay*, na América, nos Estados Unidos, em que diz: «A *gay liberation* foi a maior tragédia que me aconteceu», e eu, bom, eu senti um bocado...

Tragédia nem por isso. Mas tempos depois li um livro dum tipo que eu conhecia de Roterdão, um americano, que tem uma biografia lindíssima do Jean Genet, e por causa dessa biografia lindíssima, eu fui ler uma autobiografia dele, do Edmund White, chama-se... – tem sida e o amigo dele também, mas ainda não morreram – e então eu vi aí que o meu amigo Roditi tinha razão, porque ele conta o que era a vida homo em Nova Iorque para aí nos anos 30 ou 40. Não havia libertação *gay* absolutamente nenhuma! Nem se falava nisso, mas ele, o Roditi, dizia: «Eu nunca tive a mais pequena dificuldade de arranjar uma pessoa num bar, nunca tive problemas com isso.» E há um amigo deste outro, do Edmund White, que – conta na biografia dele – fazia assim: ao fim do mês fazia uma *party* em casa dele, para onde convidava todos os rapazes que tinha engatado nesse mês, todos, ou quase todos. Diz que era um espanto, ficavam todos a olhar assim uns para os outros, bom, e conta outra coisa bonita que é significativa. Um dia, um amigo desse amigo aparece lá em casa, «eh, menino, toca a andar para a rua que hoje é que vai ser bom!» Tinha havido um desafio de futebol em que o clube deles ganhara, andava tudo maluco, tudo nas ruas, aos saltos e aos gritos, e então foram para a rua (eu não sei se isto deve ir para o ar. Tu depois vigias isto). Foram para a rua... até que um belo adolescente, não uma criança, mas um belo adolescente, no meio daqueles abraços todos, veio ter com ele, com o Edmund White, e abraça-o e beija-o e tal, de alegria, por causa do futebol, e o outro dispara-lhe à queima-roupa, assim: «Queres vir para a cama comigo?»

O outro diz: «Eu nunca experimentei», e *zuca*, para casa. Quer dizer, isto desapareceu completamente, quando apareceu a *gay liberation*. Há uma gente má que diz que foram os americanos que inventaram a sida, porque o poder *gay* na América já estava a ser de tal maneira... tinham hotéis para eles, tu sabes disso, não é? Que aquilo já começava a meter pavor às gentes. Mas isso é... não acredito nisso.

Não havia *liberation* nenhuma, encontravam-se na rua, o clube tinha ganho, *psst*, *pumba*. Agora, nem pensar!

E depois fazem cá aquele carnaval horrível, que é o dia do orgulho *gay*, em que saem para a rua feitos uns verdadeiros monstros, com umas mamas assim amarelas que chegam aqui, e não sei que mais. E eu, que sou *gay* se passasse na rua e visse aquela figura, ia para outra rua. Porque aquilo é a caricatura mais odiosa que se pode fazer. Aquilo dá vontade de cuspir.

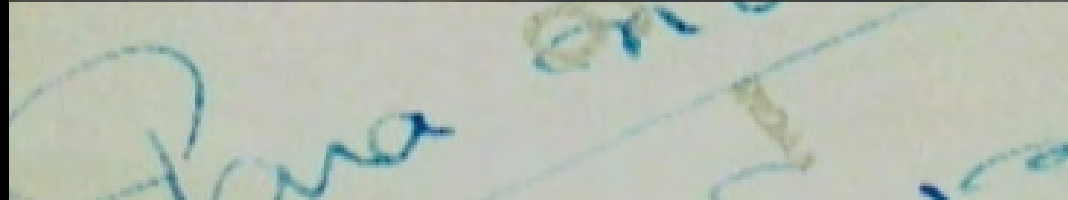
Em vez de atrair, acho que repele, porque aquilo faz medo.

A mim faz-me, agora imagina aos outros.

Ponto final.



\_ amor



## a necessidade do outro

*Miguel fala com Mário, no seu quarto.*

**Quando eu lhe falava de amor, era sobretudo o amor pela necessidade do outro. A necessidade de uma alma gémea, de um amante eterno.**

Eu sei lá, a necessidade é biológica, é física, é metafísica, isso tudo.

Mas olha, vou dizer-te uma coisa que não vem nada a propósito, mas é muito bonita – eu julgava que era do santo Agostinho, mas afinal o santo Agostinho também rapava coisas dos outros – que é de um poeta árabe que por acaso a Assírio publicou. Que diz assim: «Se não perguntas, sei; se perguntas, não sei.»

Não é giro? Bom, então agora vamos continuar... qual era a pergunta?

**A pergunta era: Porquê a necessidade do outro?**

Eu sei lá, pergunta ao Jeová. Não fui eu que criei essa necessidade.

Eu acho que, em muitos casos, o outro é o nosso espelho, sem esse espelho, nós não nos vemos. Não existimos. É claro que podes dizer que isto é um bocado abusivo, que eu no espelho não me vejo senão a mim, mas não é isso. Eu no espelho ou vejo os dois ou vejo o outro, através de mim. E os seres habituais têm necessidade desse encontro, que não é um espelho mudo, etc.

Não é o Narciso, que esse quer ver-se a si próprio, não! É o que olha para a água e olha para o espelho e vê o outro, ou a outra, com quem pode conversar, viver. Isto é um bocadinho estúpido também, mas é da sabedoria antiga. (ri)

**O Mário acredita que se pode morrer de amor?**

Até os animais. E talvez sobretudo os animais. Porque talvez não tenham inteligência suficiente para compensar, ir ao cinema para distrair. Mas eu acho que sim, que se pode morrer de amor.

Quer dizer, pronto, dá uma constipação, dá uma coisa qualquer, o senhor morre. O Ernesto Sampaio é um caso desses, quando morreu a Fernanda ele não sabia viver, não sabia. Ele escreveu um livro chamado *Fernanda*, que eu, se fosse a ele, nem publicava aquilo, porque é um grito tão horrível, tão forte, que a chamada literatura não aguenta aquilo. Não aguenta!

Não sei se conheces esse livro, é um poema, é uma COISA! Depois morreu, pronto. Não sabia viver sem a Fernanda, é um caso palpável. E também se pode morrer de falta de amor. Não?

**E o Mário procurou esse amor ao longo da sua vida?**

Se procurei esse amor?

**Esse amor perfeito. Se andou à procura do amor da sua vida.**

Ahhhh! Olha aqui para o Patrick, estão-se nas tintas. O Mário Cesariny é assim: então diz poemas, não sei quê.

E está num grande pedestal, o poeta! E cá em baixo está muita gente a aplaudir.

Depois vão-se todos embora e eu vou para casa sozinho. Achas graça a isto? Mas isto é o que acontece. Portanto, o melhor é não dizer o poema, percebes? É estar caladinho.

Bom, não sei se respondi. Não respondi, pois não?

### **O que eu queria saber era se o Mário também andou à procura...**

Do amor? Ah, com certeza.

Não sei se os artistas e os poetas não são um bocado, ou muito, ou sobretudo onanistas, sabes? Porque, em vez de estar a cumprir o seu dever, que é de meter cá a coisa no buraco, estão: *bá, bá, bá, bá, bá*, e *bá, bá, bá* todo o dia. E põem-se a escrever: «Alma minha...», a perder tempo.

Bom, podes dizer que isso é um prolongamento do amor. Agora, se eu acredito no amor, eu nunca acreditei muito na chamada alma gémea, porque a minha alma gémea tinha de ser muito diferente de mim, sabes? Porque de poesia e filosofia e literatura e outras merdas já eu estou cheio dos pés à cabeça.

Nesse aspeto eu era talvez um pouco à grega, alguém jovem, talvez, alguém mais inocente, alguém que tivesse a pureza do mar, a pureza e a tempestade, às vezes também.

O Pascoaes, o Teixeira de Pascoaes diz: «Eu vos abençoo analfabetos, ladrões, criminosos.» Bom, o Agostinho da Silva,

esse então é que faz mesmo a apologia do analfabeto, quer dizer, o ser que não está contaminado por ideias impostas, desde a escola, até à universidade e até ao emprego.

Eu acho que a extrema necessidade do outro acarreta o ódio, sabes? A extrema necessidade de amor, o excesso: não vás, não saias, não sei quê. A asfixia!

Isso não corresponde à...

O amor e o ódio têm quartos próximos.

Eu não sei se não, se não fiquei...

*(Henriette entra no quarto)*

Olá, mana!

*Henriette* Boa tarde! Rica sesta que eu fiz!

Oh, mana, eu não quero que oiças isto.

*Henriette* *(dirigindo-se ao Miguel)* Olha que hoje não abro o bico, fiquei muda hoje.

### **Falávamos da obsessão do amor e de como a obsessão pode levar, realmente, ao fim de uma relação.**

Sim, e agora? Eu já ontem te falei no Fourier, que diz, isto é do século XVIII, da época de Napoleão, que diz que nós vivemos sob um mito terrível, que lixa a humanidade inteira, que é o mito de Tristão e Isolda, ele diz... contei-te as provas a que ele obrigava as pessoas que queriam por força juntarem-se e casar, não é? Lembras-te disso? Não sei se vem a propósito, vem?



Cristo até é... não sei se era preto, mas era africano.

Esta Europa não tem ideia própria nenhuma! Foi uma coisa que se construiu com guerras e com... o Borges, o argentino, dizia, naturalmente com razão, ele é que sabia, que os grandes poemas da humanidade perderam-se todos, as grandes sagas, que eram as sagas nórdicas, lá de cima, os druidas, não sei quê. Esse era o grande poema e que nós já não sabemos.

Aqui, o grande poema é seres católico, e teres muitos meninos, ou então é seres ateu e não teres meninos nenhuns, andares nas putas, não é?



## a indiferença da manada

*Mário conversa com Patrick Mendes, o técnico de som do filme, no seu quarto.*

### Qual acha que foi a razão pela qual criaram o casamento?

Há um homem chamado Charles... porra... Charles Fourier, francês, que nunca publicou a obra dele... porque ele diz que, se publicasse aquilo, cortavam-lhe o pescoço no dia seguinte. É um livro que eu tenho aí, que se chama *O Novo Mundo Amoroso*, e aquilo tem regras exaustivas... e quanto a casamentos, a regra era assim: era muito mal visto um par que queria casar, ou um rapaz que queria casar com uma rapariga, mas se eles insistiam em casar e queriam casar, então ela tinha de submeter-se a várias provas, entregar-se a um jovem, entregar-se a um velho; e ele entregar-se a um velho e entregar-se a uma velha durante um tempo, e mais umas provas assim. Se, no fim dessas provas todas, eles insistissem em que queriam realmente casar, então casavam.

E os filhos? Nos primeiros seis meses ninguém dorme lá em casa: *Uém! Uém! Uém!* Mas estamos configurados, não é? Mesmo os mais selvagens, os bichos, os animais, são de um carinho com os filhotes, uma coisa impressionante. Tigres, ursos, leões, panteras, não interessa. Morcegos! São de um carinho com os filhotes!

As águias, tudo! Um carinho com os filhos! É engraçado.

É a forma de a espécie sobreviver!

Acho que pode ter nomes mais bonitos. Aquilo chama-se amor!

### Acha que os animais também têm?

Ah, têm com certeza! Mas também pode dar coisas horríveis. Uma vez vi um documentário que era assim: estava um tigre, ou um leopardo, a ver como é que havia de atacar, não sei se eram búfalos. Mas eram pacatos, uma manada. Quando eles começavam a migrar, e iam lá para os países doutros climas – é lá uma coisa instintiva que eles têm, se não é inteligência mesmo – vinha o tigre e depois *pá!* caçava um.

Primeiro episódio: a indiferença do resto da manada, perante o desgraçado que era apanhado, fazia muita impressão, sabes? Não acontecia nada.

Segundo: muitas vezes, o tigre, ou lá o que era, começava a comer pela barriga. O bicho ainda estava vivo!

Final, apoteose do filme: lá em cima, os abutres à espera que o tigre se saciasse para caírem em cima.

O Bem e o Mal, se quiseres.

### Acho que não é o bem e o mal, acho que é mais o sobreviver de qualquer forma.

É a mesma coisa. Não me digas que é uma coisa santa?! Não é! É diabólico e é o contrário. O bem e o mal andam juntos.

E eles, pronto, dizem: «Ahhh! o Homem é o único bicho que mata sem ser para comer.» Também é verdade. As guerras nunca mais param, nem vão parar nunca, quando não é ali, é ali, ali, ali.

O Saddam. Uma vez falei com um que é operário, da construção civil, dos que lá andam a pôr pedras, que andou a trabalhar num dos palácios do Saddam e dizia que aquilo era grandioso. E o palácio tinha um grande salão que apanhava todas as direções e onde havia a porta de Granada, a porta de Sevilha, a porta de não-sei-quê do Algarve, está lá tudo escrito. Eles não esqueceram que estiveram cá!... E que eram... magníficos!

Olha, aquele poeta que a Assírio editou, agora não me lembro qual é, e que dizia que só havia três maneiras de viver neste mundo. Como era? Ou bêbado ou apaixonado ou poeta! (ri)

Isto é muito lindo!

Agora compara com Moisés e com o cristianismo que é a zangueira, a crucificação. A outra que tem de parir e ser virgem. Já pensaste nisto a sério? Ter que parir Cristo e ter de ser virgem ao mesmo tempo.

## «nos tempos da inocência»

*Miguel conversa com Mário, na casa de banho da pastelaria Versailles.*

### E o Mário alguma vez encontrou o amor da sua vida?

Acho que encontrei. Nos primórdios da coisa, houve uma confusão de sentimentos, entre mim, entre nós. E o moço, não quero dizer o nome que não vale a pena, e que era tudo menos homossexual... apaixonou-se por mim, pura e simplesmente.

Os dois éramos inábeis na cama. Nas poucas ocasiões em que houve cama.

E um dia ele escreveu-me uma carta de Viana do Castelo... Porque ele estava na tropa, era oficial miliciano, onde dizia assim: «Blá-blá... os nossos patrões, os americanos, ainda não me deixam sair.»

A PIDE abria a nossa correspondência, e informou o comando militar. E isso ia dando uma tragédia total! Queriam mandá-lo para África e não sei que mais, mexeram-se influências e só estive três meses ou quatro, no forte de Caxias. Isso era um amor muito puro, quer dizer, metia sexo, mas era, realmente!...

Ele, um dia, embebedou-se para me matar. Porque lá dentro, ao mesmo tempo, não estava a aceitar. Depois, como se vê pela gravura junta, não me matou. E estás ver o que é um amor em que está misturada a PIDE, a família, a saber tudo? Foi uma coisa horrível.

*(Um homem entra na casa de banho)*

*Faça favor, passe!*

Isso podia ter sido uma ligação profunda, não sei se duradoura.

Depois, é claro, tive amantes, mais por sexo, mais por Eros do que por Psique.

**O Mário estava agora a falar nessa pessoa e estava a dizer que tinha sido um amor quase impossível...**

Eu não quero falar mais nisso.

**Mas porque é que não foi eterno? Porque é que não durou para sempre?**

Oh, mano, com a família toda metida no quarto? A minha e a dele, com a PIDE toda metida no caso, com o exército português, tudo metido na nossa cama?! Não era possível.

**Mas então o que é que aconteceu a esse amor, não a ele, mas ao amor que o Mário sentia?**

Estou-lhe a dizer para não falar mais nisso! (diz para o resto da equipa). Fazes favor de falar noutra coisa. Não te ocorre mais nada?

O que aconteceu ao amor? Ah, eu sei lá!

*(Uma mulher entra na casa de banho)*

*Entre, se faz favor.*

Não é interessante, pronto!

Tenho um problema, eu tenho um poema dele, que ele me mandava na tal carta que a PIDE apanhou e que é um belo poema de amor por mim!...

E eu não sei o que é que hei de fazer daquilo.

A última vez que falámos – nunca mais nos vimos – eu disse: «Oh [...] eu tenho aquele poema e não to dou, porque sei que o rasgas. Mas eu não o rasgo e tenho aquilo lá em casa. E ou publico ou não publico. Se não publico, aquilo está lá e alguém publicará, suponho. O que é que tu achas disto?» E ele não disse nem sim nem não. Não disse nada.

E agora?



\_ vida



## origens

*Miguel conversa com Mário e Henriette*

**Gostava que o Mário me falasse um bocadinho sobre os seus pais.**

Os meus pais?

**Gostava que me descrevesse os seus pais e, em particular, a sua mãe. Uma vez eu estive a falar com a «mana» (Henriette) e gostava que me contasse uma altura complicada de que ela falou.**

(Mário interrompe) Mas olha que isso pode demorar muito tempo.

**Pode levar o tempo que quiser, Mário. Talvez começasse por descrever a sua mãe e a seguir o seu pai...**

*Henriette* *‘Tá calado, mano, que és mais bonito caladinho.*

A história da família é comprida e é cortada mais do que ao meio, porque muito mais de metade da família é de Espanha, e alguma de França também. Bom, então é assim:

O meu avô materno, Pierre Marie Cesariny Rossi, era corso, quer dizer que era francês, porque a França ocupa a Córsega. Bom... era realmente esse o meu avô materno, uma pessoa excecional, de uma inteligência e de um saber muito grandes. Casou com a D. Carmen Escalona em Salamanca, porque um dia ia a passar e viu-a à janela – pela primeira vez! – subiu, e pediu-a em casamento.

Mal ou bem, casaram, mas não se deram muito bem. O meu avô não era deste planeta, andava sempre em Paris e não sei quê, blá-blá-blá. Resultado: a minha avó materna morreu jovem e quem se encarregou da filharada – que eram três ou quatro, não me lembro – foi uma tia, a tia Madalena, que acabou em freira, não por vocação, mas por conhecimentos do meu avô, e porque não havia dinheiro em casa.

Bom... há muita coisa metida nisto, como um dia o tio Pablo, que desapareceu aos oito anos, nunca mais foi visto. Um dia apareceu uma companhia de teatro, daquelas que andam pela província. Representava o D. João Tenório. A minha mãe e a minha tia Henriette, irmã da minha mãe, foram ver o espetáculo.

Aparece D. Tenório e era o meu tio Pablo. Ahhhh! Acabou o espetáculo, tudo aos gritos, bom... isto é só um aspeto. A certa altura, tinham o projeto, absolutamente maluco, de ir para a América do Norte, ensinar francês. Imagina a minha mãe, que era castelhana, e a minha tia Henriette, que era castelhana, nos Estados Unidos, a ensinar francês. Isto já é uma loucura.

Bom... então passaram por Portugal, não sei porquê fixaram-se mais, e a minha mãe e a minha tia davam aulas de francês.

Devia ser um francês muito macarrónico, não é? Mas enfim... não sei. Foi aí, nessa escola, que a minha mãe conheceu o meu pai. Que nessa altura era um *guapo* homem e lhe propôs casamento. Mas ela, como infanta castelhana que era, exigiu uma cláusula: casavam e iam para Paris, onde havia família.

A tia Guidite, o coronel Grazziani – que não sei se é o sacana do Grazziani que depois aparece com o Mussolini, mas devia ser da família. E assim foi. Casaram e foram para Paris. Mas foram para Paris, e nessa mesma altura rebentou a guerra de 1914.

Resultado: voltaram. A menina Henriette foi feita em Paris, mas veio ser parida a Portugal. Por isso se chama Henriette.

Agora perdi-me, o que é que há mais?

### **Estava a falar sobre a sua mãe. Como é que ela era?**

A minha mãe?

### **Estava a contar como é que a sua mãe era...**

A minha mãe era muito bonita também. Devo muito do que sou, ou não sou, ao amparo da minha mãe. Porque o meu pai queria tudo o que eu não queria, tudo! Queria que eu seguisse a carreira de ourives joalheiro, fabricante, e eu odiava aquilo, eu não sabia o que queria, mas o que não queria, eu sabia. De maneira que, desde muito cedo, houve uma separação muito grande entre mim e o meu pai. Eu penso que, se não fosse a minha mãe, o meu pai tinha-me posto fora de casa.

Há um livro meu que eu dedico à minha mãe, a quem eu chamo Mãe de Poesia, o que é bonito. A relação entre eles era muito má, o meu pai gostava muito dela, ao princípio. Uma vez, eu já era mais crescido, e o meu pai disse: «Imagina que eu gostava tanto da tua mãe, que não podia imaginar que ela tivesse de ir à retrete fazer cocó.» Bom, mas depois deram-se muito mal.

*Henriette Depois era uma besta.*

E... acabaram por se separar, e o meu pai foi para o Brasil com uma amante, uma mulher que era secretária dele. Fez lá negócio e foi lá que morreu e acabou. Nós vivíamos no n.º 24 da Rua da Palma, exatamente naquele quarteirão que o Salazar, por desprezo profundo pela má genticinha – porque havia a Rua da Palma, não é? Que tapava a rua que estava por trás, que era a Mouraria, e que era a rua das putas, e dos chulos e dos ladrões, quer dizer, a melhor gente, não é? (ri) –, por ódio àquela gente, arrasou. E isto é tão verdade, que durante anos – não havia nenhum plano, o plano era expulsar aquela gente toda –, durante trinta anos ou mais, aquilo esteve em campo raso, não havia nenhum projeto para aquilo.

Mas na Rua da Palma havia muito comércio, e comércio respeitável, sobretudo joalharias, que não tinham a qualidade das joalharias do Chiado, mas, mesmo assim, havia joalharias muito boas, como a do Carvalho Mourão, que tinha um filho, o Nuno... (futuro marido de Henriette).

### **Mário, então diga lá o que há pouco estava a dizer que não podia dizer.**

Ah, não me lembro.

Ah! É que eu acho que tive uma noiva alquímica, na Póvoa [do Varzim]. Uma prima. Nós íamos para lá todos os anos, três meses, e éramos dois compinchas formidáveis. Desaparecíamos de casa, não porque frequentássemos a praia chique, íamos, sim, para a praia dos pescadores. Chegávamos muito tarde

a casa, apanhávamos umas grandes tarefas e ficávamos encantados.

Isto todos os anos, não é? Até que chega o ano da puberdade, e aí deixámos de ir à Póvoa, porque já as manas todas tinham casado, e então não era preciso ir mostrar as manas aos banhistas. E há uma coisa curiosa. Como eu era o mais miúdo dos irmãos – são três irmãs e um irmão –, eu era o pau de cabeleira. Sempre que uma das minhas irmãs saía com um pseudonamorado... logo, se eu estava ali, não podiam acontecer coisas bizarras. E apercebi-me de uma coisa muito extraordinária: é que os rapazes, ou os homens, em grupo, falavam de uma maneira; quando estava presente uma mulher, falavam de outra completamente diferente. Eu, uma vez, disse isto ao Hermínio diante da Manuela, e ela disse: «Não, não pode ser.» E o Hermínio disse: «É verdade, se há mulher é completamente diferente, se não há, é outra linguagem.» E isso deixou-me muito desconfiado, sabes? Muito desconfiado.

Não sei se isso é qualquer determinante (ri) da minha orientação sexual futura, ou não, mas que isso me impressionou muito, impressionou. Está bem, há a primavera, o rouxinol, *pi, pi, pi, pi*, mas não é só isso, é que o homem diante da mulher é completamente diferente. E eu não gostava disso.

Bom... então depois não houve nada, ela casou com um homem muito bonito, até rico, com propriedades no Alentejo, e não sei quê, blá-blá-blá, mas à hora da morte dela – a que eu não assisti, claro! – sabes em quem é que ela falava? Em mim.

Dizia: «Era um amor puro.» Como é que não havia de ser, se nós éramos crianças. Não é bonito isto?

### **E agora eu gostava que o Mário me falasse sobre a reação do seu pai quando descobriu que o Mário era homossexual.**

(Mário interrompe) Ah! Nunca se falou disso. Ele nunca falou disso, e eu nunca falei disso. Andava pelos urinóis, como toda a gente, como todos os homossexuais que não eram ricos, não é?, e onde se passavam coisas extraordinárias, (ri) eram verdadeiros bacanais circunscritos aos urinóis que agora já não há, que eram assim em redondo.

O meu pai, um dia, mandou-me às putas com o filho do guarda-livros dele, que era amigo, e ele também era amigo da célebre dama vermelha (ri), que era dona de casa de pegas, e que saía para a rua toda vestida de odaliska, a distribuir panfletos.

Bom... então mandaram-me a mim, e foi um desastre.

*Henriette Que falta de senso!*

Depois a pega...

*Henriette A contar a vida podre a toda a gente... aos outros.*

... disse que queria uma fotografia minha, e eu, muito parvo e inocente, dei-lhe uma fotografia. Bom... depois ou muito depois, e um bocado a despropósito, o meu pai diz-me assim, de repente: «Eu também já experimentei [isso], não tem piada nenhuma.» Nunca mais houve



palavras entre mim e ele, sobre esse assunto, sobre o que ele achava.

Eu fazia-lhe partidas horrendas...

Primeiro, para escapar daquela oficina horrível – fiz muitos anéis, muitos colares, muitos broches, muitos brincos – inventei que gostava de ser arquiteto, e entrei para a escola António Arroio, até ao 4.º ano. Depois estive quatro anos sem pôr o pé na escola, e sem o meu pai saber. Apesar disso, não me pôs fora de casa. Porque estava lá a minha mãe a defender a criança.

### **Mas quando o Mário foi ter com essa prostituta, como é que se sentiu?**

Não me sentia bem, sentia a família toda a olhar para mim, nas minhas costas, a ver se eu me portava bem ou mal. Não achei graça nenhuma. Muito mais tarde, repetiu-se a gracinha, porque a minha mãe apanhou uma carta minha, ficou muito assustada, e então, um cunhado meu, o José Moser, o marido da Maria Luísa, que morreu o ano passado, levou-me a uma pega chique, ali na Rua da Misericórdia. Não gostei. Não gostei mas desempenhei, até um bocado demais, porque... para confirmar se eu era capaz, dei duas de seguida – sem prazer nenhum.

## **henriette**

*Miguel conversa com Henriette.*

### **Como é, para si, viver com o Mário no meio desta confusão toda?**

*Se eu for falar, o meu irmão dá-me um tiro, é o pior que pode acontecer.*

*Aquela desarrumação dele, tudo em que ele vive e eu tenho de viver, para mim é... não digo mais nada. É vida de um artista – que eu sou antiartista – de maneira que é um bocadinho complicado, mas ele é um santo irmão e não posso dizer mal dele de maneira nenhuma. Mas que realmente ele é muito descuidado, muito esquecido, larga tudo por toda parte, de maneira que eu não digo mais nada, já disse. É teimoso, este careca (para Miguel).*

### **Mas é divertido viver com o Mário?**

*É divertido? Então porque é que não vens viver para cá?*

### **Eu não me importava.**

*Então eu vou viver para a tua casa.*

### **Está bem. (ri) Então agora outra pergunta: como é que foi para si, porque há quarenta anos era diferente...**

*(Henriette interrompe) Há quarenta? Então eu é que o criei, ele tem 78, eu tenho 86, como é que é?*



**E como é que foi para si lidar com o facto de o Mário ser diferente?**

*Ah, isso são os meus pais que têm a culpa. Não fui eu que o fiz! Não sei porquê. Mas realmente é uma pessoa inteligentíssima, um grande artista mundialmente conhecido, não tem vaidade nenhuma, é do mais modesto que pode haver, e é o que eu tenho a dizer. É o melhor mano do mundo, é ele. Tenho mais uma, somos três, somos quatro, eu sou «la mayor», como dizem os espanhóis, depois é uma irmã que tenho, depois é outra e o Mário é o mais novo. De maneira que estava a perguntar como é que foi, já o conheço desde nascença.*

**Mas estava a perguntar pelo facto de ele ser diferente. De ser assumidamente diferente...**

*Ele é genial. Para mim ele é genial na sua... a maior parte das coisas que ele inventa, põe assim uma coisinha com um braço esticado para ali, ele acha-a artística e eu venho-me embora.*

**Mas a pergunta que eu estou a tentar fazer é um bocado melindrosa... como é que foi para si lidar com o facto de o Mário ser diferente em termos sexuais? Há muitos anos não havia a liberdade que há hoje...**

*Ele sempre foi diferente de todo o mundo, de maneira que não há nada a dizer. Como ele não há outro igual, sob todos os aspetos, até como amizade à sua irmã mais velha, não há igual.*

*Olha que caras! Eu vou-me embora.*



### **E dão-se bem os dois?**

*Olha, não para. Damo-nos bem quando não nos agatanhamos, de resto somos muito amigos. Ele tem muito génio e eu também, e quando a gente se irrita é um choque, mas depois passa. E a mim também.*

*Levas um pontapé que vai máquina e tudo pelos ares. Vai-te embora, meu amor, ele disse que era aqui só um bocadinho. Olha eu a fazer gestos, que horror. Acabou ou não?*

### **Mas ainda por cima é lindíssima e está aqui cheia de problemas, o Mário disse que estava nervosa e tudo...**

*Quem é que está com os problemas? Eu é que estou... que ainda a semana passada fiz dois TAC e estou doente e estou aqui a ver esta alta sociedade, sabe Deus como, e a dizer gracinhas que não me apetece. Acabou, está bem? Façam-me a vontade.*

*Já estão as quatro perguntas, não há mais! O resto é para mim.*

### **Claro, Obrigado.**

*Olha, muito obrigada, muito prazer, não sei se vai ser bonito; o que eu disse onde é que vai aparecer? Nos jornais não quero.*

### **Não, Não.**

*Ah, então podia insultá-los ainda mais, pronto. Então agora para o meu enterro façam-me esta fotografia das minhas florzinhas que vieram da Madeira, para mim, de um casal*

*que veio aí. Nunca na vida vi orquídeas daquelas. E eu tenho uma amiga que é madeirense e diz que as estradas na Madeira, é tudo, tudo assim.*

(Mário entra na sala)

*Já acabou, mano! Já disse mal, já disse bem, já disse tudo o que tinha a dizer, mas acho que não vais ficar zangado...*

*... Beijinho, muito obrigada a todos, desculpem o meu sans façon, quem sabe francês percebe.*

*E a minha bonequinha ficou? Ah! Aqui, ao pé da vovó. Quando se vem da praia, há aquela estrada grande, que vai frente ao hotel. Ia eu para casa, sozinha naquela estrada, a certa altura olho para uma boneca no chão, peguei nela, olhei para um lado, olhei para o outro, não havia ninguém a quem me dirigir, é minha! Está cá desde longa data. E não gosto de a vestir, que eu gosto mais da boneca nua. E a cabeleirinha... lava todos os meses o cabelo.*

*Como veem, vocês deviam todos fumar como eu, já expliquei aqui ao Patrick que eu fumava como um homem. Agora o médico não me deixa fumar, mas eu não lhe faço a vontade. Dou uma baforada que me vai toda para os miolos.*

*Ah, eu com o pijama à mostra, isto é uma palhaçada. Olha, olha, pijama, camisola interior. Toma lá! Já ninguém vê mais.*

Porque é que a mana não vai pôr um vestido lindo?

*Eu? Tu não me conheces, se não gostarem de olhar para mim é um sossego.*

## **amigos que tive**

*Miguel conversa com Mário na pastelaria Versailles.*

### **Onde é que era o seu primeiro *atelier* em Lisboa?**

Em Lisboa? Lisboa... os primeiros *ateliers* foram os cafés. Depois, já nos anos 50, tive um *atelier*, que era um quatinho deste tamanho. Aluguei-o com o Ernesto Sampaio e a Fernanda Alves, e é onde eu indico aqui (postal). Vê-se? Era ao lado da Sé Catedral, ponto importante da capital. E conservei-o durante bastante tempo, até que me tive de pôr a fugir para Paris. Porque a polícia já me chateava demais.

«Suspeito de vagabundagem». Eu acho que nem eles sabem, porque se quisessem realmente averiguar, averiguavam, não é? Agora, “suspeito” durante vinte anos ou trinta? Isso só acabou no 25 de Abril. Quer dizer, era uma maneira de chatear.

### **Quando é que o Mário deixou o seu *atelier*?**

Quando cavei para Paris. Escrevi uma carta à Maria Helena Vieira da Silva a dizer: «Ó Maria Helena, estão a apertar demais o rabo do gato.» O gato era eu, claro! Pedi-lhe um auxíliozinho para ir e ela mandou-me um auxílioão, uma têmpera lindíssima, deste tamanho, que me trouxe o Cargaleiro. Aquele quadro deu-me dinheiro para estar em

Paris à vontade uns meses. Mas já lá tinha estado, não é? Foi quando conheci o André Breton e aquele grupo, o Grupo Surrealista Francês.

### **O Mário voltou quando para Lisboa?**

Não sei, acho que estive lá três meses ou uma coisa assim, três meses, depois voltei.

### **E depois arranjou outro *atelier*?**

Não, aquele *atelier* durou muito tempo, desde os anos 50 até 1964, e deixei lá imensas coisas que se perderam. Mas eu tenho aqui um poema, se não te importas, que dá bastante a situação dos anos 40 e 50. Posso ler? É um bocadinho comprido:

## A carta em 1957

Quando assentaram em que era urgente o poeta apesar dos olhares que ele lançava a tudo e daqueles casacos de trazer pelos mapas

todos se viram a braços com mil dificuldades em primeiro lugar a da morada

Um prédio da cor dos pássaros disse o ao fundo da sala fora deixa lá ver dois anos antes

ou já tivera aquilo e era depois? não interessa de qualquer forma jardim do tabaco

carvide portas de loures

alto magro peludo pouco de aconselhar

escrevia não escrevia

cumprimentava não cumprimentava

ia não ia demais

provavelmente até onde os outros estavam quietos

era ele!

posto o que entraram os jornalistas em ação

por meio de telefonemas:

se não se tinha visto se seria possível ah isso é que era obrigada desligo e sondaram também algumas mulheres de porte sexual

que atribuíram aquele preguntâme todo às polícias políticas

e não abriram bico sobre coisíssima nenhuma

e ainda se riram deles fazendo imitações

Bem

havia outros poetas mas esses já estavam de acordo

até pela apresentação a tempo e horas

de valorosos trabalhos eleitorais

simples fortes de resultado à vista - nada de metafísicas -

como se tinha visto nas também grandiosas

eleições anteriores

esses porém estavam certos mais que certos

o que convinha agora era que o outro aparecesse

não fossem lá os bandalhos julgar

que o poeta estava co's outros ou que se calava

num grande insulto a todos

(é dizer: de propósito

Volta não volta veio uma informação de paris

mas tão contraditória sendo boa

que até fazia mal lê-la

segundo o relato o poeta estava agora

em três sítios ao mesmo tempo

na negra moscóvia

na branquíssima washington

e nas londres  
além disso  
e aqui o informador amarfanhara um pouco o papel do relato  
o-homem-tinha-um-plano  
Um Plano!

exclamaram os poetas politas de Lisboa  
sabe deus se conforme  
com a excelsa dignidade que nos leva  
neste momento de consciência humana  
às eleições igualmente grandiosas

Entretanto  
algures  
rua amália kandinsky  
o poeta premia os intestinos  
tinha acabado de traduzir Rimbaud  
e preparava atmosfera para mais  
alguns trabalhos decentes em prosa rítmica  
a literatura propriamente saía-lhe  
a barriga é que estava cada vez pior  
a um febrão sucedia-se outro  
com mais sal e pimenta à volta do prato limpo  
os graves problemas da pátria enferma  
como que coincidiam (na região do corpo)

co' aquela aguda sensação de desgraça  
que ia do externo ao sexo e à região das mãos  
de modo que pela pátria ele ia com certeza  
assim lhe dissessem onde  
nunca tal lhe seria mais difícil  
do que evacuar depois de dez dias de molho  
ou saber vomitar apenas as coisas más  
Diga-se agora em abono da verdade  
que um poeta nem sempre é tal qual uma pátria  
não tem hotéis nem caminhos de ferro  
nem imprensa por ele nem ordenado  
onde se engana vão vê quem o corrija  
até ficam contentes  
e qualquer juiz do supremo é mais a sério que ele  
(também que por isso mesmo se tem visto  
muitissimo bom poeta na enxovia)

Quanto ao da liberdade  
o poeta atingira os tamanhos adultos  
num grande cemitério sempre cheio à força  
de jazigos que não assentavam na terra  
nem ficavam no ar eram como flores brancas  
onde as pessoas se deitavam a respirar

pequenos disticos saíam da terra húmida  
o mais impressivo de todos rezava assim  
– o homem que queria fazer uma revolução veio para aqui pensar nisso  
não maces a sua forma de revolução –  
Apesar disso  
ou já com isso às costas  
o poeta forjara realmente um plano:  
louvar o ser amado  
ter amigos leais  
escrever todos os dias ou dia sim dia não  
publicar (o possível)  
e protestar com lhaneza com simplicidade quer pessoalmente quer por  
telegramas contra toda e qualquer prepotência mandona

Este plano tão simples tão nacional  
é que ficara longe da realização  
para amar com decência eram precisas muitas muitas coisas  
principalmente gente menos zangada  
para ter amigos leais que seria preciso?  
e protestar com lhaneza com simplicidade quem pode ter lhaneza e simplicidade  
quando lhe dão para baixo em cima do cabelo com um pau?

É um bocado longo, não é? E agora? E agora, se não te  
importas, pergunta lá. Pergunta...

## as listas da inquisição

*Miguel e Mário conversam na antecâmara da casa de banho  
da pastelaria Versailles.*

A má vida era horrível mas ao mesmo tempo era muito  
lindo! Acho que quem teve essa ideia peregrina,  
a primeira que teve essa ideia peregrina foi a *Madame* de  
Gaulle, mandou tirar todos os urinóis de Paris. Agora para  
mijar tem de se ter uma moeda, não é? Entrar no café,  
meter a moeda e fazer o chichi. Urinóis, não há. A mulher  
tinha um bocadinho de razão, porque era assim: às vezes  
um gajo estava muito aflito para fazer pipi, mas o urinol  
estava cheio de gente que não saía nunca (ri). Bom, e aqui  
aconteceu o quê? Desapareceram os urinóis, que eram o  
centro de... havia um urinol genial no jardim Constantino,  
um urinol delicioso. Olha, eu estou a dizer isto mas sei que  
estou num país em que estas coisas não se podem dizer,  
não podem!

Eu fui apresentado aos vizinhos do *atelier* antigo, e ainda  
não tinha dito nada, já os miúdos... os miúdos, mas o  
que é isto?

Eram os miúdos que ouviam os pais, não é?

Onde é que eu ia?

Ah, e os cinemas, magníficos, eram cinemas onde  
ninguém via a fita, ninguém! la-se para lá engatar,  
e agora lembro-me, por acaso, de numa das minhas  
apresentações obrigatórias à judiciária – como eles faziam

às putas – quis fazer de Joana D’Arc e disse: «Já que o senhor suspeita há tantos anos, eu vou-lhes acabar com a suspeita, EU SOU HOMOSSEXUAL!»

Não gostaram, não quiseram. E disseram: «Ah sim!? e com quem?» As listas da Inquisição. Mas aí, eu: «Olhe, francamente não sei, porque em geral é nos cinemas, está tudo às escuras, eu nem vejo quem é.» «Ah!» disse o estupor, «então vamos pôr uma pessoa atrás de si para ver com quem é que o senhor fala na rua.» Eu disse: «Olhem, esse é o vosso trabalho, mas eu digo-vos uma coisa, eu conheço muita, muita, muita gente que não é homossexual, e vocês arriscam-se a ter um desgosto qualquer» e fim de capítulo.

### O que é que o Mário queria dizer há pouco?

Ah! Uma coisa engraçada. Ainda sobre a homossexualidade. Eu estava em Londres, nos anos 60, ainda apanhei os Beatles. Era uma cidade fantástica, uma época extraordinária, que foi quando finalmente apareceu, aprovada pela câmara de não-sei-quê, pela Câmara dos Lordes, a lei de libertação, de não-punição, de deixar de ser ofensa ser homossexual. Portanto, a homossexualidade era livre, pelo menos entre adultos, a partir dos dezasseis ou dezassete anos. Mas o que é interessante neste assunto é o seguinte, é que quando a...

*(Uma mulher entra na casa de banho)  
Pode passar, a madame também vai mijar.*

... lei foi publicada, decretada, portanto, os clubes, os restaurantes, as discotecas de homossexuais já há muito tempo que estavam a funcionar, quer dizer, o Governo,

apenas reconheceu e legalizou uma situação que os próprios homossexuais tinham já conquistado na ilegalidade. Isto quer dizer que foi a força própria – individual e coletiva – das pessoas que forçou o Governo a ir além. A diferença com Portugal é assim: está tudo à espera que saia uma lei, porque, se não sai a lei, é muito feio. O *Diário de Notícias*, nessa altura, publicou um longo artigo, chamando paneleiros aos Ingleses todos. Aquela súcia de invertidos, de anormais, de homossexuais, os Ingleses são todos panascas!

Os portugueses, nem um! Dizia no jornal, oh, nem um! Estás a ver a diferença? Nem um para amostra, nem o Bibi\*, que já devia estar a funcionar nessa altura, nem nada, nada. Tudo muito macho. Não é interessante? (ri)

Foi uma época... por outro lado foi animada, não é? Porque havia uma luta e grande, pessoal, contra o céu que tínhamos em cima. E era interessante não perder a batalha! Acabou!...

Havia outra coisa, se te interessa a literatura, quando nós aparecemos, fomos muito mal vistos, primeiro pelo Salazar, claro, conservador, ditador e tal; depois pela oposição neorrealista, que é um pleonasmo de realismo socialista – não se podia dizer realismo socialista, portanto dizia-se neorrealista – que nos tinha um ódio profundo. Só não nos atacavam mais, nem nós os atacávamos a eles, porque ambos éramos contra o Salazar. Está bom? Mas os neorrealistas detinham muito poder. E ainda hoje têm!

\* N.E. Alcunha de Carlos Silvino, preso no âmbito do processo de pedofilia na Casa Pia de Lisboa.



Na direção disto, daquilo. Em postos-chave ainda há muitos, ainda há muitos. Pronto! E ainda bem, não lhes quero mal, cada um é para o que é.

**O Mário está sempre a dizer que isto é um país em que não se pode dizer as coisas, não é?**

Não, eu estou a dizer coisas que não se podem dizer neste país.

**E se o Mário dissesse aquilo que guardou...**

São os meus poemas! Aquilo que eu quis dizer está ali! E acho que aqueles versos, mesmo os versos que podem ser considerados de amor, são sempre um protesto, são sempre uma pedrada, são sempre violentos, eu acho que mais do que poesia amorosa, embora a inclua, é uma poesia de... é de mal-estar, é de protesto, *bá, bá, bá...*

Digamos que o Fernando Azevedo, o Vespeira, que andaram na Antónia Arroio, com o José-Augusto França, entraram para aquilo a que eu chamo o Grupo Surrealista da Fundação Gulbenkian.

O Fernando Azevedo escreve textos bonitos, ele é inteligente e tudo; o Vespeira era o gráfico; o Augusto França era o diretor da revista, de maneira que durante quase quarenta anos estes outros, que éramos nós, fomos completamente silenciados por eles. Não faz mal! Deixa andar! Talvez fosse melhor assim! Senão, naturalmente, nós também íamos para a Fundação.

Uma vez escrevi uma carta ao Azeredo Perdigão, apeteceu-me, e disse: «Olhe, é uma pena o Sr. Dr.

ter à frente da Fundação, em sítios-chave, pessoas como fulano, fulano e fulano – estes de que eu estava a falar – que são pessoas muito estúpidas! É claro que, para manter a estupidez, há que ter um grau de inteligência que é para fazer passar a corrente.» Acho que ele gostou muito da carta, o que também é engraçado, porque é que ele não arranjava outros? Não havia, também, e um dia ele disse ao Sommer Ribeiro: «Não se pode mostrar esta carta a ninguém», e ria-se às gargalhadas, é engraçado!

Há uma coisa. O Salazar, que era um saloio, um sacana saloio, tinha a Censura, tinha aquilo tudo, mas não obrigava os editores a mandarem os livros para a Censura. Os editores, como no caso do do Alves Redol, quando o livro já era caro, volumoso, tinham medo, tinham medo...

*(um homem entra na casa de banho)*

*Este já cá veio, está sempre a mijar.*

... tinham medo de investir muito dinheiro numa obra volumosa e ficar sem ele. De maneira que os próprios editores é que mandavam os livros à Censura.

Há uma coisa engraçada. O Luiz Pacheco trabalhava na Inspeção-Geral dos Espetáculos, e uma vez ouviu esta conversa dos inspetores, dos censores – tinha saído um livro do... daquele... Alves Redol, acho eu, parece que é a *Barca de Sete Léguas*, e o João Gaspar Simões disse mal dele, disse que aquilo não coiso – então dizia um censor para o outro porque eles liam o Gaspar Simões: «se soubéssemos que era tão mau tínhamos cortado mais!» (ri)

## diálogo com um desconhecido

*Mário Cesariny é abordado por um desconhecido, enquanto lancha num café do Seixal.*

Mário Um dia escrevi um artigo para me manifestar contra um centro comercial, que fizeram no Martim Moniz, que é muito feio!...

Desconhecido *O Centro Comercial Mouraria?*

É muito feio, tapa o castelo. Depois eu julguei que aquilo que eu escrevi ia ter algum resultado. Sabe o que é que aconteceu? Daí a um ano estava outro centro comercial do outro lado.

*Do lado de lá.*

E daí, eu nunca mais voto. São sempre os mesmos. Até me admira, eu que sou amigo – amigo com quem poucas vezes falei – do Dr. Mário Soares, não é? No outro dia apanhei-o, era uma exposição, e estivemos a falar, e eu perguntei-lhe: «Ó Mário, os socialistas não podem, não sabem ou não querem? Responda-me a uma coisa destas.»

*Qual é a dificuldade? Ele também sabe dar a volta.*

E ele disse: «Ah, o Guterres foi uma tragédia que nos aconteceu», mas não era isso que eu perguntava, é em todo o mundo.

*No mundo inteiro, poça.*

São tão socialistas como esta garrafa.

*Mas como sabe, ainda ontem houve aqui um colóquio: O que é isso do socialismo?*

*(Mário, para Miguel) Ah, isto está a ser gravado?*

O que é o socialismo? É a Igreja Católica, dentro do Vaticano. O certo é que andam todos por ali no meio daquilo tudo. Em certos conventos é capaz de ser mesmo socialismo, mas ainda subordinado ao Papa, que é um ditador do piorio. De maneira que ninguém sabe o que é.

*A diferença entre o socialismo, oriundo do marxismo, isso já nem existe, isso já acabou. Portanto, como fala na Igreja Católica...*

Houve um homem, agora não me lembro do nome dele, um francês, casado até com uma filha do Marx, que escreveu um livro [*Direito à Preguiça*], em que dizia aos trabalhadores, quando eles pediam trabalho: «Vocês não peçam trabalho, vocês peçam lazer e descanso, que há muita gente que não faz nenhum. Que se isto tivesse uma organização capaz, ninguém no mundo precisava de trabalhar mais de três horas por dia.» O que é, é que isto está tudo feito de pernas para o ar.

*Mas, Oh Professor, eu vou-lhe falar agora de uma questão que tem a ver com o sindicalismo, isto é das coisas mais incríveis que existe, é que nós, trabalhadores, deixámos de ter aumento de ordenado, e então dá-se, em vez de dinheiro, dias de férias,*

*isso por uma questão do lazer que o senhor estava a falar. E eu qualquer dia tenho seis meses de férias, só trabalho os outros seis meses.*

Mas pagam?

*Pagam, pagam. Não dão é aumento de ordenado, dão em dias de férias.*

Bem bom, vamos para o Algarve! (ri)

*Mas espere aí, eu sem aumento de ordenado, num dia de férias ainda gasto mais dinheiro. Não é verdade?*

Isso são pormenores. Sabe qual é o problema centrado no centro? É o da tecnologia, porque antigamente para fazer não-sei-o-quê, por exemplo, eram precisos, numa fábrica, talvez cem homens; hoje, um homem só carrega no botão e faz tudo.

*Eu trabalho em informática e sei, não sou informático, mas entretanto, a informática tem setenta homens para fazerem aquilo reduzir de cem para um ou dois, têm setenta na informática. E não fazem bem! Normalmente fazem aquilo que não é pedido.*

Isto está muito mau, sobretudo porque o Papa disse que não há Inferno, (ri) nem Diabo. Você vai ver, porque ainda há uma gente que precisa de ter medo, ou de ser castigada por Deus. Se isso desaparece... vai haver uma...

*Não se esqueça daquela quadra do António Aleixo:*

*Para-raios nas igrejas,  
É para mostrar aos ateus  
Que os crentes por mais que o sejam  
Não têm confiança em Deus!*

(Ri) Ah, essa é gira!

*Ó senhores do vosso império,  
Prometeis um mundo novo,  
Calai-vos que o povo crê  
Num mundo novo a sério.*

«As armas e os barões assinalados»

*Eh pá! Onde é que eles já vão?*

«Que da ocidental praia lusitana», aquilo era uma gatunagem! Nós fomos arranjar em África um problema de que eles nunca mais se safam, fizemos de África uma coisa de nações, que não existem! As nações deles são as etnias.

*É a questão da geografia aplicada contra as etnias.*

Há etnias que vão do mundo mediterrânico quase até à África do Sul. E isso é que é o país deles.

*Por exemplo, Angola e Moçambique, mas então a Guiné é terrível, não é? Os Papeis e os Mandingas e os não-sei-quantos.*

Faz favor de fechar o fonógrafo!

*Um bocadinho de privacidade, (ri) um poeta sofre, pá.*

E vai haver guerra, sabe? Que o outro não desiste.

*Mas tem de haver!*

Para haver mais emprego?

*Então e quem é que faz aquele dinheiro todo?*

Os mísseis! Milhões cada míssil. Mas aqui não há muito essa coisa.

*Onde foi desmantelado o Tolan, e...*

Mas não há assim muitos, há para aí dois ou três.

*... eu penso que aquilo já está um bocado desativado.  
Aquilo dá pouco trabalho, agora.*

Ah, eles estão ali para morrer.

Vamos ter uma série de barcos, agora, quando vierem os *overcrafts*, que vão fazer a ligação Barreiro/Lisboa. E aqueles barcos que existem há quarenta anos? Eu ando há quarenta anos a vir para Lisboa, conheço aqueles barcos, eh pá, mas ainda estão bons. Devem ter uma manutenção cara, mas o que é que eles vão fazer àqueles barcos para virem uns novos?

Deviam dar à gente.

*Pois, para a gente dar aí uns passeios na costa e...*

Para ir para o Parque Eduardo VII. (ri)

*Aí o mar não chega, já chegou ao Marquês de Pombal,  
mas ao Eduardo VII, lá acima não chega, que aquilo é um  
bocadinho a subir.*

Sabe uma coisa muito engraçada que me disseram, quando houve aquele buraco no Terreiro do Paço?...

*Uma série de buracos na altura, sucessivos, a estrada que  
desabou...*

Aquele maior! E toda a gente sabe que a Baixa está assente em...

*Em estacas.*

... em estacas de pinho verde...

*De madeira, de madeira.*

E um tipo, que não sei se sabe a sério ou se inventou, disse-me que essas estacas seriam afetadas perante a atmosfera que há hoje, de maneira que qualquer dia vai tudo assim ao Teatro Nacional e vai tudo por aí abaixo (ri), vai tudo!

*Mas repare, temos o problema que está a acontecer com o  
metro no Terreiro do Paço...*

Coisa ainda melhor, ouvi um, talvez o chefe daquilo tudo, da obra, dizer assim: «Claro, nós, quando fazemos um buraco, não sabemos o que vamos encontrar.» Um engenheiro a dizer isto! Os americanos têm aviões que a «mil quilómetros de altitude» veem aquilo como está. Se quiserem, não é? E aquele diz que quando abrem buracos...

*Há um senhor que eu admiro, eu não sei, em termos...  
o arquiteto Ribeiro Telles...*

Esse é sério.

*... que diz que a coisa mais difícil que teve na vida foi tirar a 4.ª classe. Eu lembro-me desse documento dele escrito aí em jornais, mas digo eu, eh pá, ó homem, mas antigamente a 4.ª classe era muito difícil. A gente tinha de aprender muita coisa, não era?*

(Mário trauteia)  $2 \times 2 = 4$ ,  $2 \times 3 = 6$ .

*E as linhas do caminho de ferro? E os rios e os afluentes? Eh pá, aquilo era difícil. Não acha? Era uma questão de memória, eu também tirei. O Professor tem que idade já?*

Ui! Muita. Vou fazer oitenta.

*Vai fazer oitenta, é do mesmo tempo da minha mãe, que tem setenta e sete. Mas eu aprendi... a minha 4.ª classe foi igual à sua.*

Pois, pois, pois, com a cruz e o retrato do Salazar e do Carmona. Era diante da Praça da Figueira.

*Mas a gente aprendia coisas, é uma questão de memória, pá! Sem interesse nenhum. Linhas de caminho de ferro, que agora já estão desativadas. Que as estações que a gente aprendeu já não existem!*

Nós podíamos ser um país muito rico, sabe porquê?

*Não digo que seja muito rico, mas remediado, talvez.*

Muito rico!

*Muito rico?*

Se a fonte das Pedras Salgadas do Vidago tivesse caudal bastante, para exportar. Porque os Ingleses, que não dizem nada a ninguém, andam sempre aflitos do estômago, era exportar aquilo e vinha uma data de massa.

*A gente só vendia água era para curar as dores de estômago aos outros, não era? E já agora tínhamos o turismo também, que este clima não se compra, senão também já se tinha vendido, ou não?*

O clima agora 'tá a acabar.

*O clima está a acabar? Não! Ainda temos um clima muito ameno, pá.*

Mais dia menos dia acaba. Dentro de dez anos o Algarve está sem ninguém.

*Eu vou para lá, sou de lá e gosto muito daquilo.*

É lindo! Mas que vai fazer um frio de rachar, vai. Para se estar bem, assim, numa atmosfera razoável, tem de se ir para a África. Isto daqui a dez, vinte anos, não é? Trinta, talvez. Ora, os sacanas que não tratam do buraco lá de cima.

*Do ozono, do ozono.*

Os Americanos estão muito preocupados com os meus cigarros, mas não vão tratar de tapar o buraco! Quer dizer... filhos da puta. A sério. Só há uma vantagem: West Point. Eles adoram as fardas. Ainda acreditam na guerra! Na Europa já ninguém acredita nisso, mas eles acreditam. Então deixa-os ir para a guerra.

*Ó Professor, mas aquela questão, eu não gostei daquilo do 11 de Setembro das torres, não gostei.*

Olhe, eu sou contra toda a morte, inclusive a cadeia elétrica, a injeção letal, acho que tudo isso é um crime, mas é-me difícil antipatizar com o Bin Laden, sabe? É-me um bocadinho difícil antipatizar com aquele gajo!

*Eu teria um requinte de malvadez maior. Em vez de mandar as torres abaixo, era só na estátua da liberdade, cortar-lhe um braço, sem matar ninguém.*

Também era giro!

*É um requinte de malvadez.*

Naturalmente eles gostam da escultura! (ri)

*Não, mas em termos de... era mais humilhante ainda.*

Não, mas não era tão prejudicial, aquilo é o coração capitalista da América, não é?

*Mas morre muito inocente, é lá fora a questão, eu sei, e em todas as guerras morrem sempre os inocentes...*

Ah, mas isso não é de agora.

*Sempre foi.*

Na Segunda Guerra Mundial, na segunda, na primeira não, o senhor nasceu, por exemplo, em... não interessa, em Hamburgo. Está muito contente no seu apartamento a fritar um ovo, antes de ir para

o emprego, e de repente vai o seu quartirão todo pelo ar e ovo estrelado e tudo. Agora a guerra não é estrangeira, agora a guerra é para todos.

*Desgraçado do ovo estrelado.*

Pobre galinha. E agora a galinha também já está metida no assunto.

*Professor, gostei muito...*

Também eu.

*... de falar consigo.*

'Tou um bocado amanteigado.

Esta conversa é de loucura.

## **o génio**

*Conversa entre Miguel e Mário.*

### **O que é, para o Mário, o génio, ou ser um génio?**

Ser um génio, o que é? É o Goethe, que casou com a sopeira, para não ser chateado? É o Hölderlin que ficou doido?

É muito complicado. Acho que ser um génio é muito bom mas é para as outras pessoas. Lembra-te do Beethoven, deve ter sido HORRÍVEL! Mas há génios interessantes, não é?

Deve haver muitos génios analfabetos, mas mesmo muitos!

E eu algumas vezes tentei arrancar dessa gente testemunhos, mas...

Conheci durante muito tempo um rapaz, um rapazote de boa figura, vendia jornais, vê tu bem, depois foi para a tropa, depois deixou a tropa, depois era ladrão, era gatunaço, até me convidou para o bando dele.

Eu disse: «Eh pá, eu não tenho jeito nenhum para isso.

Mas sabes o que é que tu podias fazer? Era escrever as tuas aventuras, as tuas memórias», e ele achou muita graça a isso, e disse: «Ah! 'Tá bem!» Depois não o vi durante muito tempo, e um dia vi-o, e ele disse:

«Ó Mário, já tenho trezentas páginas escritas.» «Ah sim?

Ah, que bom!... e não sei quê.» «Mas tu contas realmente a tua vida?» «Conto!» «Quero dizer, mas tu contas os roubos?»

Contas a homossexualidade? Que vais com homossexuais?» «Chiu! Ah, isso não!»

Pronto, acabou-se a história.

De outra vez foram três marinheiros, a coisa começava assim:

«No dia tal e tantos, saímos pela porta norte e ninguém mais nos viu durante três meses...» Depois escreveram tudo o que aconteceu. Eu disse assim: «Eh pá, dá cá isso que é para eu... [publicar]» «Ah, nem pensar!»  
Vês como é o nosso povinho?

Depois desisti.

Uma vez ainda pedi a uma criada para me contar como era a... (ri) saíram coisas horripilantes.

Bem, mas então? Estamos aqui para dizer coisas mais interessantes, não é? (ri)

\_ portugal / saudade



PINTORES E MITOS

o atelier aos anos 20. / (Luzinha do Monte)

do Surrealismo Português



## portugal / saudade

*Miguel conversa com Mário, no seu quarto.*

### O Mário foi votar nestas eleições?

Não, não, não! Depois do 25 de Abril, se fosse preciso votar todos os dias, eu ia votar. Votei, votei, votei, mas há três ou quatro anos ou cinco deixei de votar.

Olha, contaram-me ontem que houve um programa na televisão, desses programas de merda, que a televisão está cheia, que fazem perguntas e não sei quê – e eu conto isto porque acho graça –, perguntaram a alguém que lá estava o que, além de poeta e de pintor, é que achavam bem no Mário Cesariny? E sabes o que é que um respondeu? Ser um bom político. (ri) Bem, isso deve querer dizer não votar! Não me meter nos partidos.

Eu morro de aborrecimento. Sabes porquê? Bom, a poesia já lá vai, a pintura é de vez em quando... eu morro de aborrecimento neste quarto. Ia-me justificar mas o neurónio fugiu para o outro lado. A minha cidade? Desapareceu completamente, *fsst*, e as minhas gentes. Vocês são excelentíssimas pessoas mas acho que estão aí como outros que já vieram, porque estão muito admirados de eu ainda não ter batido a bota. Ah, este ainda não bateu a bota? Vamos lá ver o que é que se passa. (ri)

### Mário, posso fazer mais uma pergunta?

Podes.

### É sobre...

Eu não sei se sabes se eu vou gostar de me ouvir a contar certas coisas que são muito íntimas, sabes? Uma ou duas são íntimas demais, mas depois tu mostras-me, 'tá bem?

Ou então faz-se um disco\* para parvos e outro para inteligentes. Está bem?

### Eu prometo-lhe que tenho cuidado.

Para inocentes e para culpados.

### Mário, só uma pergunta. Eu gostava de saber se o Mário me podia dar uma definição da palavra saudade.

Olha, conversa com o Pascoaes que ele, o Teixeira de Pascoaes, não fala de outra coisa. É um resumo, que ele achava que... depois falou-se muito e criou-se o saudosismo, que já é uma escola, e que é uma chatice!

A saudade nele é... no fundo é uma coisa surrealista... é um anseio do passado misturado com um anseio do futuro.

É isso, para ele. Quer dizer, no fundo é a coisa surrealista, sabes? Diz lá o Breton, é a verdade, sem ele, o que te leva a crer que existe um certo ponto espírita, o que diz o Breton, não é? Em que o real e o imaginário, o passado e o futuro, o presente se encontram...

\* N.E. Refere-se ao DVD do filme.

### **E o Mário acha que a saudade é uma característica portuguesa?**

É capaz de ser. Fomos sempre lunáticos... lunáticos do passado e lunáticos do futuro. Não há nenhum país que esteja quatrocentos anos à espera que um rei reapareça. Não existe!

E depois aparece um borra-botas: É ele! Trezentos anos depois!

Isto é fantástico, isto é bonito até. Um povo menino, um povo criança, não é? Mas depois não dá para ser país. Como a Alemanha. Não dá. E querem que sejamos, querem-nos... a CEE quer isso, que sejamos... que crescamos.

### **E qual é a sua relação com Portugal?**

Olha, vou-te contar uma anedota: o Aranda era espanhol, claro! Conheceu a... ah, isto também não se pode dizer! Não é do Aranda que estou a falar. É de um amigo meu espanhol, que veio para cá, até casou, teve meninos, e tinha um amigo inglês, que não era inglês, era superinglês, porque o dom do humor que têm os Ingleses, ele tinha-o em superlativo. Era um tipo muito engraçado, muito interessante. E um dia esse amigo dele que se chamava... não me lembro, e andávamos na zona, na bela zona, eram cinco e meia, e ele disse «Ahhh *tea time!*» É a hora do chá. E nós dissemos: «Eu vou-te dar o chá!» E fomos à saída da Marinha que vinha do Alfeite, de barco. Um vinha às 5h30, outro às 6h00 e outro vinha às 6h30, era verão. E ao contrário do que acontece hoje, eles tinham

obrigatoriamente de andar fardados, e quando recebiam a farda, iam à costureira para aquilo ficar bem, bem, bem ajustadinho. Era uma coisa! Só faltava não terem mesmo calças, não é? O inglês, eu já sabia como era, mas o inglês olhou para aquilo e não disse nada. Isto era uma quinta-feira. No sábado voltou a Inglaterra, tratou dos assuntos dele, para nunca mais lá voltar e veio viver para Portugal. Por causa do cinema que viu, com a saída daquela gente. Bom, depois não foi nada feliz, porque para a nossa mentalidade, ou para muita gente nossa, o inglês é o tipo a explorar, não é? Não é como o português. Uma vez tive um acidente chato: um tipo qualquer fez-me subir uma escada, eu tinha trazido de casa um pão com manteiga, para comer ao lanche, e depois ia para o café, e ele disse: «Pois tira lá o que tens nos bolsos» e não sei quê, e tirei o pão com manteiga, e o tipo olhou para mim, e disse: «Tu andas em baixo, não é?»

Julgou que eu não comia, e foi-se embora. Não me sacou massa nenhuma, nada.

A gente estava a dizer outra coisa...

### **O Mário estava a contar que ele se tinha tornado infeliz. Acha que a saudade é uma característica portuguesa?**

Parece que não há palavra, sem ser a palavra portuguesa, nos outros idiomas. Parece que não há. Não existe! *Soledad* é outra coisa, é estar solitário, não é?

Há uma coisa muito bonita! Eu não sei alemão, e em inglês também não averigui, eu tenho ali um dicionário de Marinha: isto é assim, o barco assim, a vela assado,

depois há uma expressão que diz: «Dar volta ao mundo», que é uma operação no alto-mar. Mas tu sabes o que isto é? É fazer uma rotação completa com o barco. Quer dizer, o mundo são eles! Não é o que está fora! (ri) E eu suspeito muito de que isto só cá. Dar volta ao mundo é ir a Berlim e a Pequim. Não, não, não. É dar uma volta a esta cadeira onde eu estou. Dei a volta ao mundo, porque o mundo sou eu (ri).

**O Mário tem um poema que é muito bonito, em que diz: «Queria de ti um país de...**

... de bondade e de bruma».

Olha, eu não sei se realmente era isso que eu queria, sabes? Posso tê-lo querido. Posso ter desejado isso diante de certas adversidades.

O poema também é verdade, é evidente que não te vou dizer mais que o que está lá escrito. É aquilo! Não é?

**Mas o que é que queria deste país?**

«O mar de uma rosa de espuma», não é? Para que é que queres que eu ponha outras palavras que não vão dizer mais que isto? Acho eu. Vão estragar. (ri)

**Eu perguntei o que era para si a saudade? E o Mário deu a resposta do Pascoaes, mas eu queria saber...**

Não é a resposta do Pascoaes; olha, o Pascoaes está ali (aponta para retrato). O mago! Eu acho que o Pascoaes é um poeta muito longe.

Não há poetas maiores e menores, ou é poeta ou não é poeta.

Mas o Pascoaes interessa-me muito mais que o Pessoa.

**Patrick Mário, mas não pode dar uma definição sua de saudade?**

Ninguém dá, vou eu dar? A saudade é a saudade, diz lá tu o que é a saudade? Nunca tiveste saudades? De nada? Da infância, do tempo da escola? Eu sei lá. Mas estamos a falar da saudade em Pascoaes, do saudosismo. Ah, tenho ali um livro muito grosso. Mas o saudosismo não me interessa nada como escola, como filosofia...

**Mas não é como escola, é como estado de espírito que eu quero saber, como o Mário sente.**

Como tu sentes! Então eu posso dizer mais que tu? Tu não tens saudades?

**Mas eu sinto como dor...**

Não, pode não ser dor. Pode-se ter saudade de um paraíso, sabes? Saudades do Inferno é que ninguém tem. (ri)

E o Pascoaes disse isso, que saudade é uma conjunção, um anel, um anseio de um passado já desaparecido e de um futuro também, a chegar. São as duas coisas juntas. Porque tornar presente uma coisa que já passou já é de alguma maneira futurá-la. Ah, eu tenho ali muitos livros sobre a saudade!...

Agora, é uma coisa um bocado portuguesa, não é?

Porque somos um país aqui do extremo da Europa, aqui à beira-mar... não temos muitas hipóteses, então sonhamos, sonhamos muito.

Muito... Sonhadores!...

Eu há uns dias em que tenho saudades, sei lá, de comer uma grande lagosta, tenho saudades de quê?

Olha, tenho saudades de voar! Ah, isso tenho, porque eu, não sei desde quando, mas quase desde miúdo, até aí aos cinquenta anos, eu todas as noites já adormecia a sorrir de gozo, porque eu sonhava SEMPRE que voava, e era uma coisa tão boa, tão boa, tão boa, uuuiiiii! E depois não tinha... quer dizer, não havia... paisagem, era o espaço puro, não se via nada.

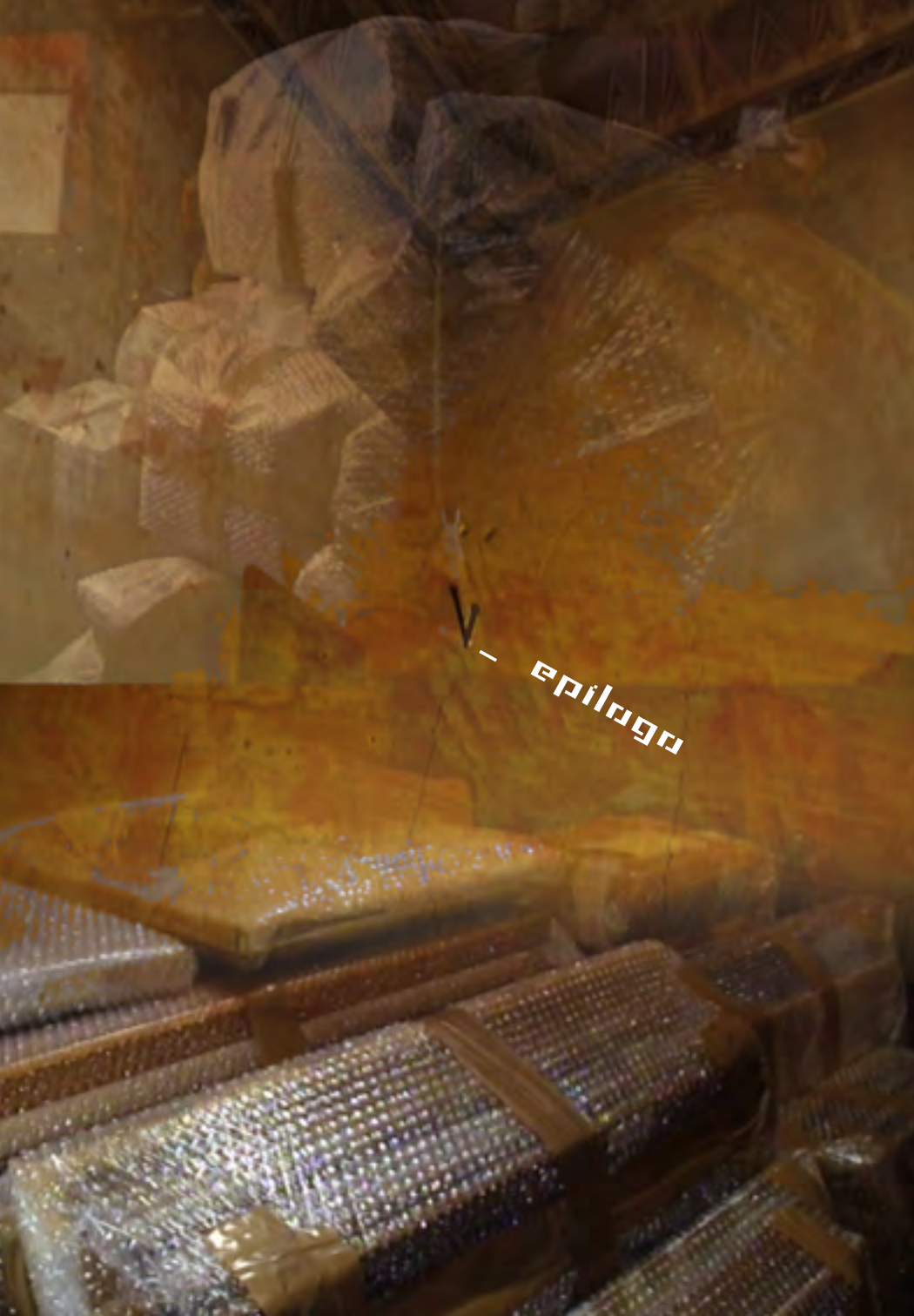
Maravilha...

Depois, aos sessenta anos, nunca mais sonhei. (ri)

Os freudianos acho que ligam isto também à coisa sexual.

Mas eles dizem muita coisa...





Dia 10 de fevereiro de 2004

*Último dia de rotação – gravação sonora do poema  
«autografia I».*

*Conversa entre Miguel e Mário.*

Quando eu morrer, fazes aquele filme lindo?

**Vou fazer antes de o Mário morrer.**

Não garanto.

**Eu garanto. E o Mário também tem de garantir.**

Que aquele filme é tanto, tanto, aquela época...

**Pois, por isso é que o Mário tem de estar vivo, para me  
dizer todas aquelas coisas.**

Eu, se não estiver vivo, fazes à mesma.

**Mas eu quero que o Mário esteja vivo.**

Eu já não estou vivo!

**Está sim.**

Mas custa-me muito estar vivo, e isso já não é estar vivo. É...

**Eu queria perguntar uma coisa ao Mário.**

Então o que é?

**Lembra-se quando estivemos cá no verão e o pessoal da fundação\* veio cá buscar tudo a casa? O Mário estava muito em baixo, não é? Eu gostava de saber como é que o Mário se sentiu quando levaram tudo o que era seu.**

Ah, eu não quero falar nisso. São sobretudo as publicações que eu fiz. Primeiro eram impressas, depois já não havia tanto dinheiro, eram a copiógrafo, publicações malucas, mas são algumas dezenas, e com dezenas e dezenas de cópias. Isso eles levaram, mas agora têm que me trazer. Podem ficar com uma ou duas ou três, mas devolvem as outras. E são coisas bonitas.

**Mas como é que o Mário se sente por ter agora a casa vazia, e não ter cá os seus quadros e...**

Ah, tenho! Ainda tenho muito quadro. Aquele tens de filmar que é o mais importante.

**Mas da sala levaram os quadros todos. E levaram os seus livros...**

Tinha de ser. Com isso garanti não ter de fazer mais nada até morrer. Com o dinheiro, percebes? E os quadros já estavam aí há muito tempo. Não fales nisso.

**Eu peço desculpa por estar a falar nisto, mas não acha**

*\*N.E. A Fundação Cupertino de Miranda adquiriu as obras pertencentes à coleção privada de Mário de Cesariny.*

**que eles deviam... – as obras podiam ser propriedade deles mas... – ter deixado ficar as coisas na casa do Mário?**

Eles aqui no meu quarto não mexeram.

Quero lá saber, fizeram-me muita companhia.

Ainda estão comigo.

Por amor de Deus, se eles fizeram isso foi porque eu aceitei e quis. Pronto! A partir de uma certa altura compungiu-me perceber que eu estava a fazer pintura para vender. Não era por prazer, era para vender. Assim é melhor.

**E de resto, como é que o Mário está? Está melhor?**

A cabeça está exausta. O resto está igual.





## uma alografia de "autografia"

- Mundo dentro do Quarto.
- Quarto dentro do Corpo.
- Mundo dentro do Corpo.

Paulo Cunha e Silva

*Autografia* de Miguel Gonçalves Mendes é um filme que intersesta a pele da realidade e se organiza como se a câmara tivesse descoberto um lugar para filmar a partir de dentro, do interior (anatômico) do outro autor, Mário Cesariny de Vasconcelos.

O filme anuncia-se logo como um exercício de intimidade radical entre os dois autores, entre as duas autografias, para no limite chegar a uma indistinção entre o poema e o filme, entre o poeta e o realizador.

Este é um trabalho de prática de uma intimidade absoluta, uma intimidade consentida e premiada, mais, de uma intimidade desejada. Há no poeta uma vontade absoluta de se mostrar, de se despir. No realizador, uma vontade absoluta de ver. E, no entanto, nem o poeta é um exibicionista, nem o realizador se revela um voyeurista.

Ambos definem um território de cumplicidade que vão alimentando e construindo juntos. *Autografia* de Miguel Gonçalves Mendes é um poema visual sobre o poema "Autografia" (que já era um monumento visual). É um metapoema.

Podemos identificar aqui uma estratégia de inversão, de troca de papéis, um travestimento mútuo, que reforça a densidade relacional entre os autores. Cesariny tem um poema que é um filme, Miguel Gonçalves Mendes faz um filme que é um poema. Decompondo: faz um poema, fabricando imagens sobre o poema que já era um filme.



No fim temos uma matéria nova. Um poema-filme, ou um filme-poema.

Mas o programa desta operação-limite tinha sido imediatamente identificado nos três momentos inaugurais do filme.

No primeiro, a leitura em voz *off* do poema, como a querer dizer-nos que é sobre esse território que o filme se vai construir, que não vai sair do poema porque não há mais mundo (que interesse) fora do poema. Essa operação tinha já começado no momento em que o filme propõe como título o título do próprio poema, como se nos quisesse amarrar a essa tautologia incontornável.

No segundo momento, em que vislumbramos numa janela de Lisboa uma figura que é Cesariny.

Tendo o poema a dimensão de uma auto(bio)grafia complexa, o realizador reforça, assim, os limites do seu campo de intervenção. É aquele homem que está à janela, mesmo que visto de longe, que interessa ao seu filme. E vai esquecer o que o envolve, para ficar só com ele.

O terceiro momento é aquele em que o longe se faz íntimo e a câmara recolhe as gotas de suor da face de Cesariny. Como se Miguel Gonçalves Mendes dissesse: é este homem que me interessa, a sua vida-poema, e com a intimidade do suor.

O filme assume esse plano de intimidade fisiológica como objeto da narração. Como se a verdade que se quer contar fosse a verdade da pele, ou melhor, a verdade que está debaixo da pele, a verdade do corpo, que o corpo esconde.

Mas como seria pouco operativo focar só a pele do poeta, o filme descobre outro território de intimidade que é o quarto. O quarto surge como uma segunda pele, como um lugar onde o mundo interior pode ter manifestações exteriores, mas não deixa de ser o mundo interior.

E mesmo quando o filme acompanha Cesariny fora do quarto, no cemitério naval da Margem Sul ou na Feira Popular, é ainda o quarto que vai consigo.

O quarto como entidade capaz de representar o mundo que o corpo já tinha apropriado.

Esta segunda pele, o quarto, é um hipertexto do corpo. E Miguel Gonçalves Mendes ocupa-o com a intimidade das pessoas que habitam no mesmo quarto.

Este realizador desenvolve uma espécie de cinema-intimidade, em que a câmara se transformou num instrumento de microscopia emocional. A câmara vê, observa, anota, mas tudo se passa na grandeza do pequeno mundo, na grandeza da intimidade. Como se observar fosse um trabalho histológico de compreensão de um tecido celular, de ampliação do mundo para o tornar mais legível.

É isso que faz um microscópio. Afasta dois pontos que à vista desarmada pareciam um só. Que estavam sobrepostos. A câmara deste realizador desenvolve este trabalho microscópico: afasta pontos sobrepostos para se insinuar na pele de quem quer autografar.

O trabalho do cineasta transforma-se no trabalho de um microcirurgião. De quem amplia o campo (cirúrgico ou

de observação) para intervir com mais precisão, com mais nitidez. Para clarificar a intimidade. De certa forma, aquilo que o cinema faz no sentido mais literal do termo, ou seja, introduzir luz, sentido, num campo e depois cartografá-lo.

Poder-se-ia dizer que este cinema, na intimidade que se permite, na definição da proximidade, seria um cinema invasivo. Em que a tal luz poderia ser excessiva e quase cegar, mas o que surge é o contrário. Uma intimidade intensa e cúmplice mas, paradoxalmente, não invasiva. Uma intimidade que proporciona todo o campo para Cesariny se expor, se mostrar, mas que jamais o força a fazê-lo. A câmara só o persegue, nunca o empurra. Não cede à tentação de alguma predação, de algum canibalismo, um pouco inevitável quando se tem uma presa simultaneamente tão frágil e tão sedutora.

Como disse, este cinema é íntimo, de uma intimidade radical e quase fisiológica, mas nunca é invasivo. Ou melhor, só invade o que está exposto. A câmara vê por dentro, mas não causou nenhuma ferida, entrou pelos poros disponíveis, pela permeabilidade da vida.

Esta câmara que explora a porosidade, que se cola à pele e que a investiga para detetar zonas de entrada é uma câmara sentimental. Como se o sistema ótico fosse substituído por um sistema de lentes afetivas.

A câmara de Miguel Gonçalves Mendes nunca se comporta como um bisturi, mas antes como um *scanner* que revela todos os acidentes interiores sem violar a interioridade. É um método imagiológico não invasivo.

Assim sendo, alguém argumentaria que estaríamos perante uma prática absolutamente passiva, na medida em que se inibiria de entrar e investigar. Ao colocar-se totalmente à disposição do ator-autor (Cesariny) talvez vacilasse e lhe faltasse a coragem da investigação.

Porque a investigação, na medida em que coloca problemas, é também incômoda, é um sobressalto, é a introdução de uma descontinuidade na realidade. É um empurrão na mecânica das coisas, na inércia do mundo.

Pelo contrário, este método, apesar de não ser invasivo, apesar de se sustentar naquilo a que os antropólogos chamariam observação participante, fixa com intensidade a realidade.

O observador não esconde a sua presença, nem se escamoteia, mas desenvolve uma negociação que lhe permite essa intimidade sem ter de invadir o campo. Há um tráfico subtil entre quem se mostra e quem filma. E há, como já referi atrás, uma discreta troca de papéis: quem filma também é filmado.

Ao colocar-se de armas e bagagens dentro do quarto, Miguel Gonçalves Mendes perturba, obviamente, o frágil equilíbrio daquele exíguo e hiperlotado espaço. Mas não está a mais. Leva o espaço a procurar uma nova estabilidade sem provocar um desequilíbrio que transforme o ato de filmar dentro do quarto num processo artificial e encenado.

A presença do realizador transforma-se, assim, num novo elemento de acumulação. O quarto de Cesariny é feito da acumulação de vários tempos e espaços. Tempos passados, mas também tempos futuros. Tempos do desejo e espaços de troca.

É, por isso, um espaço fractal que, apesar da sua dimensão exígua, se divide numa possibilidade infinita de outros espaços. Miguel Mendes ocupa um destes territórios virtuais.

Mas no limite não é isso que todo o cinema devia propor, a ocupação de um espaço virtual? A sua realização? Será talvez por isso que em português se dá o nome mais correto a quem faz filmes: realizador.

Roma, fevereiro de 2011



Agradecimentos:

Ana Contente, Ana Paula Gonçalves, Andreia Bertini,  
António Gonçalves, Assírio & Alvim,  
Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema,  
Cláudia Rita Oliveira, Fundação Cupertino de Miranda,  
Henrique Ralheta, João Cabral, João Murillo, Manuel Rosa,  
Maria Joana, Patrick Mendes, Paulo Reis, Pedro Sousa,  
Regina Sousa, Susana Paiva, e a toda a equipa do filme.

Primeira edição:

© Assírio & Alvim

Rua Passos Manuel, 67 B, 1150-258 Lisboa

edição 0193, novembro 2004

tiragem: 1500 exemplares

Segunda edição:

© JUMPCUT, lda

Praça da Alegria, 40-1º, 1250-004 Lisboa

Transcrição das entrevistas: Marisa Salvador

Revisão de texto: Joana Portela

Concepção gráfica e paginação: Sugo Design

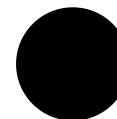
Impressão e acabamento: Rainho e Neves, lda.

tiragem: 500 exemplares

ISBN xxxxxxxx

depósito legal: xxxxx

dezembro de 2014



Um surpreendente documento humano e cinematográfico em três atos – a vida, o percurso e a arte do poeta-pintor surrealista Mário Cesariny de Vasconcelos.

**Elisabete França**  
DIÁRIO DE NOTÍCIAS

São raros os 'documentários' como este; nem sei se tal será melhor termo para definir o notável trabalho de Miguel Gonçalves Mendes.

**Manuel Cintra Ferreira**  
EXPRESSO

É um objeto de liberdade absoluta, feito de confissões e de achados espontâneos. Uma revelação.

**Rui Tendinha**  
NOTÍCIAS MAGAZINE

Esta é a mais longa conversa que alguma vez vamos ter com ele.

**Carla Isidoro**  
DIF

*Autografia* é um olhar sobre Cesariny hoje, um radioso e cúmplice olhar.

**J. Leitão Ramos**  
EXPRESSO

# autografia

UM FILME DE

Miguel Gonçalves Mendes

"Foi para mim inesperado existir um jovem como o Miguel. Conheci o Miguel, fiquei miguelista."

**Mário Cesariny**

PÚBLICO

MELHOR DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS **DOCLisboa 2004**